

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO

Amanda Rech Brands

**A FOME EM CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO:
ENTRELAÇAMENTOS ENTRE GEOGRAFIA LITERÁRIA E GEOGRAFIA CRÍTICA**

Santa Maria, RS

2023

Amanda Rech Brands

**A FOME EM CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO:
ENTRELAÇAMENTO ENTRE A GEOGRAFIA LITERÁRIA E GEOGRAFIA CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia -
Bacharelado, da Universidade Federal de
Santa Maria (Santa Maria, RS), como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharela em Geografia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália Lampert Batista
Coorientador: Prof. Me. Pedro Leonardo Cezar Spode

Santa Maria, RS

2023

BRANDS, A. R.

A Fome em Carolina Maria de Jesus e Josué de Castro: Entrelaçamento entre a Geografia Crítica e Geografia Literária. / Amanda Rech Brands. – 2023.

89 f.; 30 cm

Orientadora: Natália Lampert Batista

Trabalho de Graduação (Geografia Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Departamento de Geociências, Curso de Geografia – Bacharelado, RS, 2023.

1. Geografia Literária 2. Geografia Crítica 3. Direito à Literatura 4. Literatura Brasileira.
I. Batista, Natália Lampert II. Spode, Pedro Cezar Leonardo.

Declaro, Amanda Rech Brands, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Graduação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.



Atribuição-NãoComercial 3.0
Brasil (CC BY-NC 3.0 BR)

Amanda Rech Brands

**A FOME EM CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO:
ENTRELAÇAMENTO ENTRE A GEOGRAFIA LITERÁRIA E GEOGRAFIA CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia -
Bacharelado, da Universidade Federal de
Santa Maria (Santa Maria, RS), como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharela em Geografia

Aprovada em 30 de novembro de 2023

Natália Lampert Batista (UFSM)
Presidente/Orientadora, Dra.

Pedro Leonardo Cezar Spode (UFSM)
Coorientador, Ms.

Cleder Fontana (UFSM)
Examinador, Dr.

Tascieli Feltrin (AMF)
Examinadora, Dra.

Santa Maria, RS

2023

AGRADECIMENTOS

Dedico este breve momento aos agradecimentos a aqueles que tanto me auxiliaram nas diferentes fases da minha existência:

À minha família, especialmente a minha mãe, Caroline Aparecida Rech, pela criação respeitosa, carinho e incentivo que deu para seguir meus projetos desde criança, sem nunca largar minha mão. E ao meu avô, Luiz Alberto Rech (*in memoriam*), por todos os ensinamentos passados, principalmente a leitura tão essencial nos meus dias.

Aos meus amigos longínquos, Ellen Santos da Silva, Vinícius Rodrigo de Andrade Santos e Ivan Sebastian, que acompanham meus diferentes momentos desde a infância e, mesmo sendo tão diferentes, sempre me ouviram e acolheram, permanecendo comigo mesmo de longe.

Aos meus amigos Carla Pizzuti Savian, Franciele Delevati Ben, Gabriel Medeiros Figueiredo dos Santos, Gustavo Soares Arrial, Jhennifer Tais Vieira Habowski, Marco Aurélio Rodrigues, Maria Vitória Zancanaro e Maurício Rizzatti, pela acolhida e por todos os momentos vividos.

À Carla pela partilha de leituras, risadas e moradia, pelas conversas teóricas, e por propiciar ótimos momentos pós Kioski.

À Fran pelos abraços, choros e brincadeiras (principalmente aquelas sobre ser do interior kkkkkk).

Ao Gabriel pelo companheirismo de anos, pela escuta sempre prestativa, pelas músicas e discussões construtivas acerca da vida.

Ao Gustavo por todo carinho contido no cotidiano, pelas risadas sem sentido e pelo tempo bem aproveitado (mesmo quando assistindo filmes e séries extremamente duvidáveis).

À Jhenni pela presença, pelas conversas bem-humoradas e suporte nos momentos difíceis.

Ao Marco por sempre estar disposto a me ouvir, dar uma volta e conversar, por me acolher tão facilmente e ser *Bad Kid* comigo.

À Mavi pelas histórias construídas, pelos inúmeros choros e risadas dadas nos corredores do 17 e por estar ao meu lado.

Ao Maurício pelos ensinamentos com artigos, mapas e mates (kkkkkkk) e também pelo suporte todas as vezes que precisei e te chamei.

Ao meu gato, Baz (Basilton/Basil/Bazinho), por ser meu suporte emocional ao longo dos últimos anos, sempre deixando meus dias mais dinâmicos e sendo uma ótima companhia para leituras.

Ao LEPGHU que, como a Nat sempre diz, não é o lugar e sim as pessoas, por ser minha casa e proporcionar tantos momentos incríveis.

Ao meu coorientador, Pedro Leonardo Cezar Spode, pelo constante diálogo que não se restringe a assuntos acadêmicos, especialmente aqueles sobre livros e também pela orientação tão prestativa e presente.

À minha orientadora, Natália Lampert Batista, pelo imenso carinho desde que entrei no laboratório e, a partir daí, por ouvir meus surtos, apoiar e dar espaço para as minhas ideias e pelo profundo companheirismo.

À todos esses seres os meus agradecimentos e muito amor.

Desde que as suas rochas surgiram, quantas formas de vida ela já viu? Inúmeras, milhares; mas de nenhuma quiz guardar uma lembrança, uma relíquia, para que a Vida não acreditasse que podia rivalizar com a sua eternidade.

(BARRETO, 1951, p. 17)

Sobre a terra há de viver sempre o mais forte.

(VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 262)

RESUMO

A FOME EM CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE GEOGRAFIA LITERÁRIA E GEOGRAFIA CRÍTICA

AUTORA: Amanda Rech Brands

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Natália Lampert Batista

COORIENTADOR: Prof. Me. Pedro Leonardo Cezar Spode

A Geografia, ao longo de sua formação como ciência, muito se utilizou da Literatura como uma rica fonte de dados acerca das diferentes realidades territoriais. Este fato foi alterado com a intensa visão positivista que tomou o cenário científico e rompeu com a validade do saber advindo de escritos literários na Geografia, no mesmo momento em que influenciou a consolidação deste campo como uma ciência. Partindo disso, o presente trabalho tem como objetivo traçar um entrelaçamento entre a Geografia e a Literatura, legitimando o uso de produtos literários na produção científica geográfica, utilizando como base os livros “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, de Carolina Maria de Jesus (2020), como obra literária, e, “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou Açúcar”, de Josué de Castro (2022), enquanto livro acadêmico. Como objetivos específicos: 1) construir um breve histórico das transformações enfrentadas pela Geografia; 2) discutir concisamente o conceito de Direito à Literatura (Candido, 1981); 3) elaborar um levantamento e caracterização dos diferentes períodos literários existentes no Brasil; e 4) evidenciar o potencial geográfico presente em obras literárias, por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), empregada às obras selecionadas. Assim, a pesquisa foi realizada dentro da visão da Geografia Literária, um movimento recente iniciado no Brasil na década de 1980 (Monteiro, 2002), no qual são realizados estudos de Geografia e Literatura em diversas abordagens. Para isso, uniu-se a corrente da Geografia Crítica, cujo enfoque está baseado nas contradições sociais e políticas (Moraes, 1981), com a Literatura, por meio do Direito à Literatura (Candido, 1995), conceito que traz a ideia de que a Literatura é essencial à toda humanidade para o desenvolvimento da humanização, senso crítico e percepção da realidade. Para isso, foi utilizado como método a ATD, proposto por Moraes e Galiazzi (2016). Após o estabelecimento desta conexão e a devida aplicação da ATD, os resultados encontrados evidenciam a profunda ligação entre a Literatura e a Geografia. Por meio dos escritos de Carolina Maria de Jesus (2020) pôde-se estabelecer três reflexos geográficos comprovados pelos estudos de Josué de Castro (2022). São eles: 1) consumo dos gêneros alimentícios da família de Carolina Maria de Jesus, carne, pão, arroz e batata, que correspondem aos principais alimentos consumidos da Região do Extremo-Sul apontados por Castro (2022); 2) reflexão e denúncia de ambos os autores para a situação da fome no Brasil, e o fato de ela estar ligada à distribuição de alimentos, ao invés de produção, portanto, um problema de natureza política; E, 3) a manutenção do processo de fome no Brasil, que não se alterou desde a publicação de “Geografia da Fome” e Quarto de Despejo. Entende-se, ainda, que este é um dos muitos recortes que podem ser trabalhados ao se tratar do uso da Literatura na Geografia, um campo que possui enorme potencial para novas pesquisas, em diferentes temas.

Palavras-Chave: Geografia. Literatura. Direito à Literatura. Pobreza.

ABSTRACT

HUNGRY IN CAROLINA MARIA DE JESUS AND JOSUÉ DE CASTRO: INTERLACES BETWEEN LITERARY GEOGRAPHY AND CRITICAL GEOGRAPHY

AUTHOR: Amanda Rech Brands

ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Natália Lampert Batista

CO-ADVISOR: Prof. Me. Pedro Leonardo Cezar Spode

Geography, throughout its formation as a science, made much use of Literature as a rich source of data about different territorial realities. This fact was changed with the intense positivist vision that took over the scientific scene and broke with the validity of knowledge arising from literary writings in Geography, at the same time that it influenced the consolidation of this field as a science. Based on this, the present work aims to trace an intertwining between Geography and Literature, legitimizing the use of literary products in geographical scientific production, using as a basis the books “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, by Carolina Maria de Jesus (2020), as a literary work, and “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou aço”, by Josué de Castro (2022), as an academic book. The specific objectives are: 1) to build a brief history of the transformations faced by Geography; 2) concisely discuss the concept of Right to Literature (Candido, 1981); 3) prepare a survey and characterization of the different literary periods existing in Brazil; and 4) highlight the geographic potential present in literary works, through Análise Textual Discursiva (ATD), used on the selected works. Thus, the research was carried out within the vision of Literary Geography, a recent movement started in Brazil in the 1980s (Monteiro, 2002), in which studies of Geography and Literature are carried out in different approaches. To this end, the current of Critical Geography, whose focus is based on social and political contradictions (Moraes, 1981), came together with Literature, through the Right to Literature (Candido, 1995), a concept that brings the idea that Literature is essential to all humanity for the development of humanization, critical sense and perception of reality. Using ATD as a method, proposed by Moraes and Galiazzi (2016). After establishing this connection and properly applying ATD, the results found highlight the deep connection between Literature and Geography. Through the writings of Carolina Maria de Jesus (2020), three geographic reflections were established, proven by the studies of Josué de Castro (2022). They are: 1) consumption of foodstuffs from Carolina Maria de Jesus' family, meat, bread, rice and potatoes, which correspond to the main foods consumed in the Far-South Region highlighted by Castro (2022); 2) reflection and denunciation by both authors that the situation of hunger in Brazil is linked to the distribution of food, rather than production, therefore, a problem of a political nature; And, 3) the maintenance of the hunger process in Brazil, which has not changed since the publication of “Geografia da Fome” and Quarto de Despejo. It is also understood that this is one of the many aspects that can be worked on when dealing with the use of Literature in Geography, a field that has enormous potential for new research, on different topics.

Keywords: Geography. Literature. Right to Literature. Poverty.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Correntes Geográficas.....	16
FIGURA 02 - Períodos Literários no Brasil.....	20
FIGURA 03 - Estrutura da Análise Textual Discursiva.....	27
FIGURA 04 - Capa da edição de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” utilizada no trabalho.....	35
FIGURA 05 - Capa da edição de “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: pão ou açúcar” utilizada no trabalho.....	61
FIGURA 06 - Nuvem de palavras dos alimentos citados por Carolina.....	75

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1. TRANSFORMAÇÕES NA GEOGRAFIA	8
2.2. O DIREITO A UMA LITERATURA GEOGRÁFICA	12
2.2.1. A Literatura Brasileira	14
2.2.2. Gêneros Textuais e Literários	20
3. METODOLOGIA	21
4. RESULTADOS	28
4.1. QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA	29
4.1.1. Fichamento	29
4.2. GEOGRAFIA DA FOME - O DILEMA BRASILEIRO: PÃO OU AÇO	55
4.2.1. Fichamento	57
4.3. DIÁRIO DA FOME: Quando a Literatura exprime a Geografia	68
5. CONSIDERAÇÕES	73
5.1. CONSIDERAÇÕES CONSTRUÍDAS	74
5.2. MOTIVAÇÕES FUTURAS	74
6. REFERÊNCIAS	74

1. INTRODUÇÃO

Durante a Antiguidade, quando a Geografia começou a se moldar pré-cientificamente, até o período do Renascimento (Marandola Jr; Oliveira, 2009), teve-se a produção de uma Geografia majoritariamente descritiva. Na qual algumas produções utilizadas dentro da área geográfica podiam ser vistas também como produções literárias, mesclando caráter científico e literário no decorrer destes períodos. Após a reformulação do que se entendia por ser humano e do que competia a ciência no Renascimento, começa-se a dismantelar esta união travada por Geografia e Literatura, conseqüentemente, a Geografia continuando a ser valorizada cientificamente, mas com a Literatura assumindo a condição de arte e objeto de lazer.

Com a reafirmação das Ciências Humanas e a intensificação das pesquisas no âmbito da Geografia Humana que vem ocorrendo a partir do século XIX, como no Brasil com as produções influenciadas por Pierre Monbeig na década de 1940 (Suzuki, 2017), dentre os estudos da área. Ocasionalmente, no século XX, no surgimento do movimento da Geografia Literária, tido inicialmente apenas como a leitura das paisagens literárias pela Geografia (Collot, 2012), mas atualmente contendo cinco diferentes abordagens que podem se inter-relacionar, segundo estudos levantados por Suzuki (2017), sendo elas a de Geografia Humanista, Cultural e Fenomenológica, Geografia e Estética Literária, Literatura e Ideologias, Reprodução das Relações Sociais e, por último, Geografia, Literatura e Ensino.

Produções como “O Espaço Geográfico no Romance Brasileiro”, que reúne cinco artigos escritos por Judith Grossmann, Letícia Malard, Tania Franco Carvalhal, José Aderaldo Castello e Milton Hatoum (Grossmann, et. al. 1993), este mesmo que pertencente a literatura, e o livro “O Mapa e a Trama: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas”, de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (Monteiro, 2002) trazem essas perspectivas a tona. Trabalhos estes que reafirmam o uso literário dentro da ciência, não como um apoio, mas sim se utilizando da forte expressão geográfica presente dentro dos livros literários, partindo de uma percepção de equidade entre o que é tido como literário e o que é visto como geográfico.

São muitas as obras literárias que trazem consigo conteúdos altamente geográficos, como por exemplo “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, que retrata o cotidiano permeado por insegurança e pobreza de várias personagens moradoras de

um cortiço no Rio de Janeiro; a coleção “O Tempo e o Vento”, de Erico Verissimo, a qual possui como fundo a história e parte da formação do Rio Grande do Sul; o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, pautando sua narrativa sobre a Revolta de Canudos; e também “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, que aborda a grande seca nordestina enfrentada no ano de 1915. Estes e vários outros autores, como Lima Barreto e Guimarães Rosa, utilizaram-se da Geografia em seus escritos, colocando-a não somente como cenário para seus enredos, mas como parte constituinte das narrativas.

Contudo, mesmo com a existência desta vasta literatura geográfica brasileira e da constante reafirmação da Geografia Humana e seu caráter científico, torna-se fundamental continuar validando a Geografia Literária através de pesquisas e estudos, principalmente por se tratar de um movimento relativamente recente no Brasil, tendo início por volta da década de 1980 (Monteiro, 2002). Dessa forma, tendo-se por objetivo geral neste trabalho traçar um entrelaçamento entre a Geografia e a Literatura, aproximando-as novamente e se utilizando do potencial que estas possuem, com o uso dos livros “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, de Carolina Maria de Jesus (2020), e de “Geografia da Fome”, de Josué de Castro (2022), buscando, com isso, estabelecer um paralelo entre as perspectivas de Brasil apresentadas em ambas as obras.

Assim, para a construção da presente pesquisa, tem-se como objetivos específicos: 1) Apontar as transformações que ocorreram ao longo das décadas na ciência geográfica, evidenciando as diferenças que ocorreram, as respectivas correntes geográficas utilizadas atualmente e suas concepções de estudos; 2) Discutir brevemente sobre o conceito de Direito à Literatura proposto por Antonio Candido (1995) como paralelo entre a Geografia Crítica e a Literatura; 3) Elaborar um levantamento e caracterização dos diferentes períodos da literatura brasileira, diferenciando Gêneros Textuais e Gêneros Literários; Para, enfim 4) realizar um paralelo entre as obras com o emprego do método de Análise Textual Discursiva (ATD), o qual permite desmontagem de textos e a categorização de pontos específicos destes textos para se chegar na produção de um metatexto, ou seja, resultando na elaboração de um novo texto em conjunto com o emprego de textos teóricos.

As obras escolhidas retratam o Brasil em dois formatos: “Quarto de Despejo” (2020) para se visualizar um Brasil Literário por meio dos escritos de Carolina Maria

de Jesus, que são pautados no gênero de diário, e “Geografia da Fome” (2022) para representar um dos Brasis Acadêmico-Científicos existentes dentro das pesquisas geográficas do século XX.

Cabe ressaltar que somente o livro “Quarto de Despejo” (2020) passou pela aplicação da ATD e todas as suas etapas, sendo relacionado concomitantemente com o livro “Geografia da Fome” (2022), visto que estas duas leituras possuem como temática central a questão da fome, da pobreza e insegurança alimentar. De modo que “Geografia da Fome” (2022), na posição de livro acadêmico, embase a perspectiva teórica dos processos sociais enfrentados por Carolina (2020), e ao final do processo seja possível evidenciar que a geografia existente na literatura não é um mero objeto inventivo, validando-a novamente como uma área de estudos por meio deste entrelaçamento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A união entre Geografia e Literatura se deu do período da Idade Antiga até o Renascimento (Marandola Jr; Oliveira, 2009), no entanto existe a necessidade de se compreender como se deu esta ligação inicialmente, bem como a sua separação e a forma como ambas as áreas se relacionam atualmente.

Dessa maneira, para se começar a pensar sobre o *status* atual da Geografia e, conseqüentemente, da Geografia Literária, é necessário primeiramente traçar a sua linha evolutiva, desde como a Geografia se apresentava na Antiguidade, até a Geografia se constitui, hoje em dia, utilizando-se de escritos como os de Agostinho Paula Brito Cavalcanti e Adler Guilherme Viadana (2010) e Antonio Carlos Robert Moraes (1981) que abordam esta progressão.

Além disso, precisa-se também delimitar o que é aqui entendido como Literatura (Candido, 1995) para que se possa, a partir desta concepção, construir também um paralelo de como se deu o desenvolvimento desta Literatura no Brasil (Bosi, 2022), apontando, principalmente, as formas literárias que se encontram de alguma maneira com a Geografia. Levando em consideração os registros literários produzidos durante o processo de colonização (Castello, 1969), com a chamada Literatura Informativa produzida pelos cronistas portugueses e pelos jesuítas utilizada para entender o Brasil, até a construção de uma Literatura efetivamente brasileira (Coutinho, 2004a), com exemplificações das diferentes obras no decorrer da evolução literária, seus autores e suas relações geográficas.

Partindo-se destas linhas evolutivas de ciência geográfica e Literatura, antes de se aplicar de fato a metodologia que será empregada na pesquisa, é necessário abordar os diferentes Gêneros Textuais e suas respectivas definições (Marcuschi, 2002), os quais estão divididos em narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo, diferenciando-lhes do que é entendido por Gêneros Literários (Coutinho, 2004a). Esta abordagem se faz necessária visto que ao longo do trabalho será utilizada a perspectiva do Brasil apresentado em textos literários e do Brasil apresentado em textos acadêmicos, textos que possuem singularidades estruturais fundamentais de serem delimitadas quando empregadas diretamente nos estudos, já a diferenciação entre Gêneros Textuais e Literários é importante para que não haja equívocos na hora de empregar e/ou classificar as obras trabalhadas.

2.1. TRANSFORMAÇÕES NA GEOGRAFIA

A concepção de uma Geografia pautada em um caráter científico se deu apenas ao final do século XIX, por volta de 1870, embasada na corrente filosófica do positivismo acrescida de um historicismo (Suertegaray, 2005). No entanto, os estudos e noções geográficas antecedem esta época, podendo ser observados desde o início das civilizações humanas, como os princípios de localização expressos em vestígios como o mapa de Ga-Sur, por exemplo.

Com as pesquisas aprofundadas nas Grécia Antiga por estudiosos como Estrabão, autor de uma coleção de 17 livros intitulada “Geographia”, Eratóstenes, que calculou a circunferência da Terra, e Ptolomeu, conhecido pela criação da teoria geocêntrica (Cavalcanti; Viadana, 2010), originando uma produção de conhecimento atrelada a literatura e outras formas não padronizadas até o século XVIII (Moraes, 1981).

Assim, esta época, antes da formulação das correntes científicas dentro da Geografia, foi denominada como sendo um período pré-científico, que só foi rompido com o estabelecimento de métodos e técnicas atreladas à produção de conhecimento. O que, no caso da ciência geográfica, ocorreu por meio da corrente da Geografia Tradicional, também tida como Geografia Clássica, que emergiu no início da inserção capitalista na Alemanha, ao final do século XVIII, com a preocupação de entendimento de organização e domínio espacial, variação regional e apropriação territorial, estudos criados para a compreensão do desenvolvimento capitalista (Moraes 1981).

Os principais geógrafos alemães dessa época, tidos como pais da Geografia, foram Alexander Von Humboldt, explorador e naturalista responsável por catalogar em escritos com tom literário as diferentes características das paisagens as quais visitava, colocando a Geografia dentro do aspecto de “ciência de síntese” da Terra (Moraes, 1981). Karl Ritter, com seu método comparativo com pressupostos empiristas, o qual colocava o homem como um agente transformador da paisagem diferentemente de Humboldt, que também comparava as diferentes áreas levando em conta suas individualidades (Alves; Neto, 2009).

Essa sistematização primária estabelecida por Humboldt e Ritter, que trouxe consigo a validação científica da Geografia, reservando-lhe mais espaço e autonomia, surgiu a partir da influência e da criação de temários específicos. Tal separação de

temas de estudos ocorreu, segundo Moraes (1981) por parte da Filosofia e sua busca pelo entendimento dos fenômenos que cercam o mundo, dos economistas para pesquisas acerca da vida social.

Além das contribuições da Filosofia e da Economia, os temas da Geografia foram devidamente reconhecidos e legitimados cientificamente após o surgimento das Teorias Evolucionistas de Darwin e Lamarck, que serviram como referência para os primeiros geógrafos naturalistas em assuntos como as condições ambientais. Como nas discussões primárias do que viria a se tornar a Ecologia, por exemplo, já que a partir destas referências pode-se alicerçar uma base concreta para as pesquisas (Moraes, 1981).

Estes fatores acrescidos do advento do Positivismo e a concepção trazida por esta corrente de que a Ciência só seria verdadeira se os resultados fossem adquiridos por meio da experimentação e da aplicação de métodos científicos, corroboram para a formulação da primeira corrente científica da Geografia, como mencionado acima, a Geografia Tradicional. Dentro dela a verdade estava inserida unicamente nos fenômenos visíveis, palpáveis e mensuráveis, que necessitavam ser observados para se chegar a uma análise científica, pautada no empirismo, reduzindo os estudos apenas a uma realidade física, prezando por uma objetividade.

Ainda assim, na Geografia Tradicional, retomou-se o processo de sistematização, no entanto, tal sistematização ocorreu por parte de Friedrich Ratzel ainda na Alemanha, mas agora em um cenário de construção de um Estado Nacional, em que a antropogeografia de Ratzel, com seu determinismo geográfico, fundamentou o expansionismo alemão, trazendo para a Geografia os estudos sobre formação territorial, distribuição populacional e os estudos de áreas habitadas. Delimitado o objeto de estudos como sendo “[...] o estudo das influências, que as condições naturais exercem sobre a evolução das sociedades” (Moraes, 1981, p. 57), abrindo as pesquisas da área para um viés mais humanístico e político do espaço, dando para a fundação de uma Geografia Humana, mas mantendo o naturalismo.

Em contraponto a Ratzel, na França, Vidal de La Blache emerge por meio de novos ideais acerca do espaço que embasassem o expansionismo francês, trazendo novos pensamentos da ação humana sobre o espaço, o que ampliou os estudos de Geografia Humana, sem perder a noção naturalista, com uma Geografia que, conforme Moraes (1981, p. 68), foi “[...] além das enumerações exaustivas e relatos

de viagem.”, utilizando-se da corrente possibilista. Dessa maneira, o objeto da geografia ficou delimitado como o estudo da correlação entre ser humano e meio na paisagem, para que assim as pesquisas partissem de um método empírico-indutivo, particularizando a paisagem estudada após observá-la, possibilitando comparações e categorizações destas paisagens e das populações ali inseridas.

Apenas em meados de 1950 que um movimento de transição da Geografia Tradicional culminou no aparecimento de duas outras correntes do pensamento geográfico, a Nova Geografia, podendo ser chamada também de Geografia Teorética/Pragmática/Quantitativa, e a Geografia Nova, ou Geografia Radical/Crítica, trazendo a Geografia ao patamar de ciência moderna (Becker, 2006). Mudança que ocorreu impulsionada pelas alterações mundiais ocorridas, após a 1ª e a 2ª Guerra Mundial, com o capitalismo difundido largamente e a pressão tecnológica dentro da produção de conhecimento, fatores que prostraram a Geografia Tradicional e deram margem para maiores críticas referentes a indefinição de um objeto de estudo e as análises de caráter singular que não abarcavam a complexidade dos fenômenos do espaço.

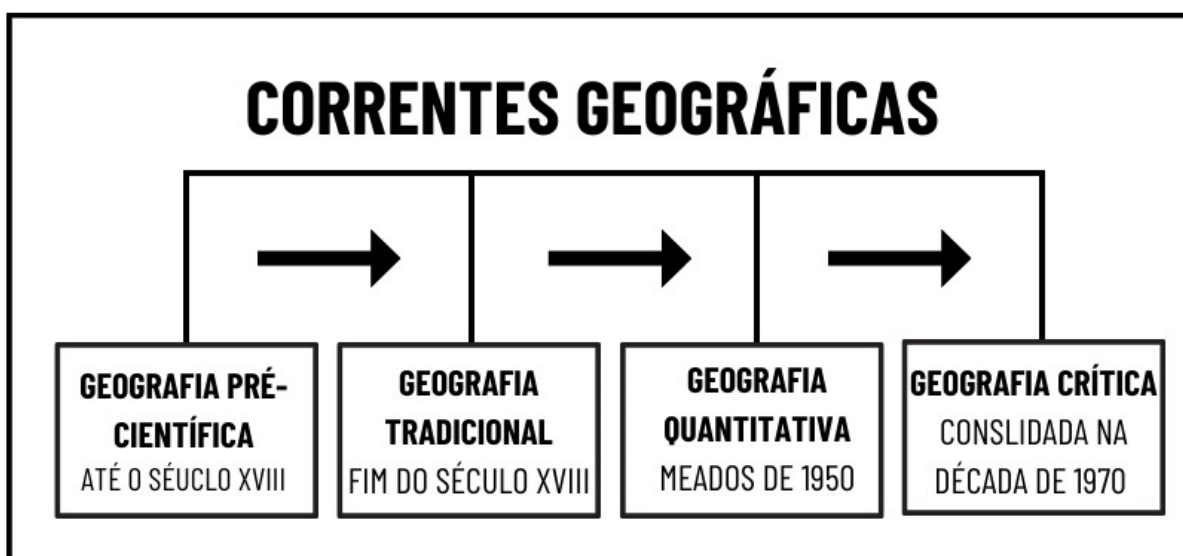
Quanto a Nova Geografia, ressalta-se que esta não ocasionou efetivamente em uma separação da Geografia Tradicional, por utilizar como pressuposto as ideias do Neopositivismo e do Positivismo Lógico, passando a estudar as organizações espaciais por um viés indutivo, não mais se utilizando da produção de conhecimento em tom literário. Os métodos ali empregados partiam do pressuposto de que a realidade só poderia ser explicada, verdadeiramente, com o uso de técnicas de mensuração, estatística e matemáticas. Ademais, esses fatores impulsionam para um empobrecimento geográfico, minimizando a complexidade dos fenômenos contidos no espaço e suas interações, com uma realidade abstrata expressa em leis, modelos e sistemas matemáticos (Moraes, 1981).

Concomitantemente, na Geografia Crítica ocorre um movimento de quebra com o ideário de que a Geografia seria exclusivamente um objeto de ação do Estado, passando a compreender o espaço geográfico como sendo um lugar de lutas sociais, adquirindo assim um caráter humano, com viés político, pautado, mais largamente, no materialismo histórico-dialético. Um dos destaques da Geografia Crítica foram os estudos urbanos que partiram, não somente do olhar de geógrafos, mas também da incorporação da visão de demais pensadores como do filósofo Henri Lefebvre e do

sociólogo Manuel Castells. No campo da Geografia destacam-se os geógrafos Yves Lacoste, David Harvey e Milton Santos, cujos estudos estavam relacionados à perspectiva do espaço social (Moraes, 1981).

Além disso, dentro desta corrente busca-se também compreender as causas que levam a sociedade a entrar em crise, sejam elas econômicas, políticas ou de saúde, as crises humanitárias e seus impactos, saindo da percepção de que os fenômenos se restringem e se explicam apenas pelo seu reflexo no espaço geográfico. Essa percepção abriu margem para o uso da sociedade e suas dinâmicas dentro da Geografia, abarcando com ênfase as estratificações sociais e a divisão de classes, como tal hierarquização é mantida pelo modelo capitalista, favorecendo-o, e colocando os seres humanos das classes mais baixas como produtos descartáveis que não necessitam de acesso a direitos humanos básicos (Moraes, 1981).

Figura 01 - Correntes Geográficas.



Fonte: Adaptado de Moraes, 1981.

Em síntese, estas transformações progrediram como evidencia a Figura 01, mas cabe ainda ressaltar que as perspectivas até aqui expostas não abrangem a totalidade da ciência geográfica, a qual se faz e refaz em conjunto com a sociedade e suas demandas, não mais se mantendo engessada, o que traz para o seu cerne científico diferentes correntes de pesquisas. Além disso, estas correntes geográficas ocorreram de maneira sobreposta, simultânea, tendo coexistido, de forma que não seguem uma linearidade fixa.

São exemplos a Geografia Tecnicista, a Geografia Anarquista, a Geografia Neomarxista, e a Geografia Humanística. Estas correntes que aqui não serão aprofundadas por não agregarem ao desenvolvimento do trabalho proposto, visto que este se detém dentro da perspectiva de Geografia Crítica, na qual será trabalhado o direito à literatura.

2.2. O DIREITO A UMA LITERATURA GEOGRÁFICA

Como foi visto, a Geografia Crítica tem como base a discussão acerca dos problemas sociais e as desigualdades socioespaciais que se intensificaram no mundo ao longo do século XX. Desse modo, a Literatura enquanto um direito humano (Candido, 1995), pode ser abarcada, uma vez que as populações menos abastadas não possuem acesso a esse tipo de recurso. Mas para aprofundar esta discussão, cabe inicialmente compreender o que aqui é compreendido como Literatura, nesse caso a definição empregada será a de Antonio Candido (1995), que conceitua como sendo:

[...], todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (Candido, 1995, p. 242)

Além disso, a Literatura carrega consigo três diferentes faces, conforme o autor pontua:

[...] (1) ela é uma construção de objetivos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (Candido, 1995, p. 244)

Entendendo que a humanidade necessita de escapes ficcionais ou poéticos, a necessidade de fabulação (Candido, 1995), e que estes, por sua vez, desencadeiam

em expressões literárias e artísticas, pode-se constatar, irremediavelmente, que a sociedade delas depende. De maneira que seja também através delas que se encontram formas de humanização e de equilíbrio psíquico e social, já que se apresentam tanto de forma consciente, em pensamentos, quanto inconsciente, em sonhos, ações comuns aos seres humanos.

E, através desta interpretação, acrescida das noções de bens compressíveis e incompressíveis dos direitos humanos pode-se começar a pensar o lugar da literatura na sociedade. Na qual os bens incompressíveis são aqueles que se configuram como indispensáveis a todos os humanos e que sem eles a sobrevivência não seria viável, como alimentação, moradia, saúde e vestimentas. Os bens compressíveis estariam para as demais vontades que não obrigatoriamente ocasionaram no falecimento dos indivíduos, tais como cosméticos, vestimentas extras e itens de lazer como os livros. Não existindo uma linha que divide estas duas categorias.

De maneira que existam visões, errôneas e elitistas, que colocam os bens compreensíveis como privilégios não fundamentais e que determinados grupos sociais podem viver sem acesso a eles. Ignorando o fato de que é preciso “[...] reconhecer que aquilo que é indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Candido, 1995, p.239), e, logo, os “[...] bens incompressíveis não apenas asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas (são também) os que garantem a integridade espiritual” (Candido, 1995, p. 241).

Assim, se para os seres humanos existe, inegavelmente, uma necessidade de fuga da realidade, como constatado por Antonio Candido (1995), e a Literatura está enquadrada dentro destes métodos, ela deve ser essencialmente um direito humano e não um artigo de luxo inacessível. Principalmente pela sua capacidade de humanização, o que pode ser constatado inclusive nas falas de Carolina de Jesus, em momentos que ela destaca como a leitura e a escrita a fazem sentir humana, em trechos como “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear o livro. O livro é a melhor invenção do homem” (Jesus, 2020, p. 24).

Desse modo, além de se configurar como um direito humano (Candido, 1995), a Literatura é ainda, por vezes, uma ferramenta de denúncia da realidade, que é capaz de expressar muito além de somente crenças, normas e sentimentos dos autores que constroem as narrativas, mas também é este instrumento humanizador que mexe com o leitor. Isto é, a Literatura é também uma ferramenta dialética, entre autor e leitor,

para aguçar o senso crítico, ampliando a percepção de mundo e sociedade, caráter esse que deve ser usufruído pela Geografia.

Por isso, para dar continuidade ao trabalho e se chegar ao resultado esperado, a integração da Literatura pela Geografia, precisa-se entender brevemente como é estruturada a Literatura Brasileira, bem como as diferenças entre gêneros textuais e literários. De forma que os próximos subtópicos serão reservados a estas discussões, que irão embasar o último tópico do referencial teórico, no qual, usando as representações do Brasil presentes em diferentes gêneros textuais, desencadeará na divisão de dois “Brasis”, o acadêmico e o literário.

2.2.1. A Literatura Brasileira

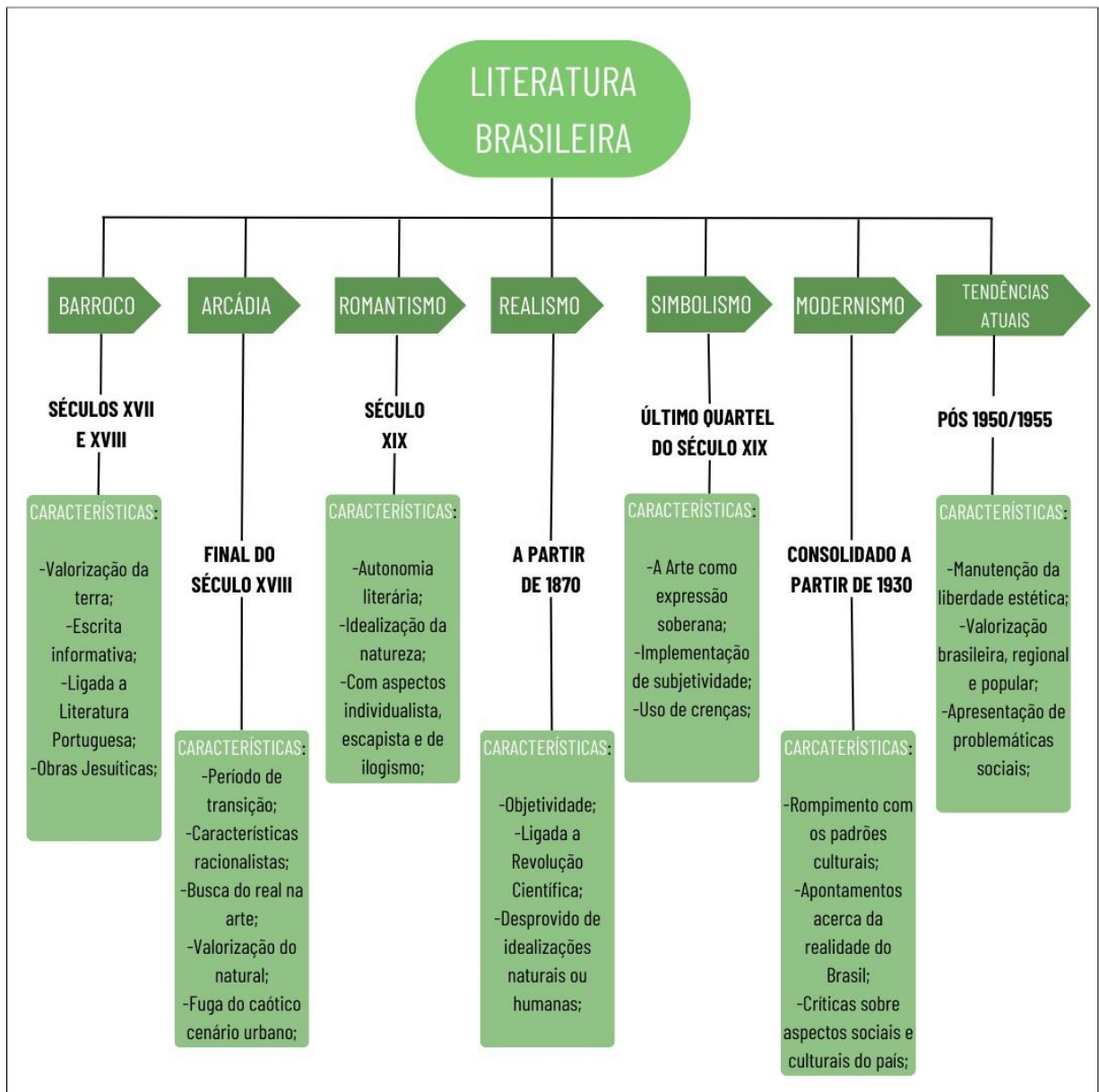
Para falar da Literatura Brasileira, sua formulação e divisões, antes de tudo, deve-se ir além da noção geral que configura a Literatura como um todo, como exposto acima, aprofundando essa percepção e colocando Literatura brasileira em diferentes períodos. Conforme delimita Afrânio Coutinho, como “[...] o conjunto de obras literárias produzidas no Brasil em língua portuguesa desde os tempos coloniais.” (Coutinho, 2004a, p. 130). De forma que, independentemente da origem de quem produziu as obras, se realizadas no Brasil, classificam-se como obras brasileiras, tomando por exemplo o período colonial, em que a produção escrita se modificou, não se tratando mais da mesma produção dada em Portugal, ou o caso da escritora Clarice Lispector, de origem ucraniana, que se configura como das grandes escritoras brasileiras da contemporaneidade.

Sabendo-se disso, optou-se por utilizar os conjuntos delimitados por Alfredo Bosi (2022), visto que as delimitações de Afrânio Coutinho (2004a) se dão de forma extensa, com abordagens de vários teóricos da literatura para se falar de cada período, e por se tratar de um estudo historiográfico dos períodos literários com o direcionamento para pesquisas com maior enfoque em Literatura. Desse modo, decidiu-se manter os conjuntos de Bosi (2022) por ser uma obra mais concisa, concentrada em um único livro, em razão do foco do trabalho desenvolvido ser propenso muito mais à área da Geografia, não tanto da Literatura em si. Além disso, ressalta-se que não serão utilizados os períodos literários de Antonio Candido (1981), por estes terem sido elencados por uma visão sociológica e não historiográfica.

Ademais, mesmo que tomando como base os sete períodos elencados por Bosi, que são o Barroco, Arcádia, Romantismo, Realismo, Simbolismo, Modernismo e Tendências Contemporâneas, em que ele não propõe a existência de uma literatura colonial, mas sim de textos informativos durante a Formação Colonial (Bosi, 2022). Assume-se aqui uma postura diferente em relação a este período específico, entendendo que durante a Formação Colonial havia produções literárias e não só de textos de cunho informativo, porque até mesmo antes da chegada dos colonizadores os povos indígenas já possuíam a sua literatura oral, que não será invisibilizada.

Desse modo, ficam então delimitados os sete períodos literários brasileiros, como na Figura 02 abaixo, mesmo que exista a noção de literatura oral dos povos originários dentro do período colonial, fundindo as características apontadas por Bosi (2022) as de Coutinho (2004) ao se caracterizar tais períodos. Visto que ambos os teóricos possuem delimitações próximas partindo de uma periodologia estilística, em que consideram as características sociais e históricas, divergindo apenas em dois quesitos, quanto a Formação Colonial de Bosi, já que para Coutinho a literatura não deve ser empregada a política, e quanto ao Pré-Modernismo colocado por Bosi, período de transição tido para Coutinho como sendo de Regionalismo (Seckler, 2005).

Figura 02 - Períodos Literários no Brasil.



Fonte: Adaptado de Bosi, 2022.

Acerca disso, durante a dita Formação Colonial (Bosi, 2022), as produções escritas feitas pelos colonizadores eram voltadas a uma tentativa de compreensão da nova terra invadida por meio de relatos, que traziam aspectos geográficos de forma expressiva, como pode ser visto no “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”, escrito por Gabriel Soares de Sousa (1971). No texto são apontados os aspectos físicos, descrições de paisagens, da fertilidade do solo, dos corpos hídricos e suas ligações, e sociais, falando sobre os aimorés, tupiniquins, papanases, e outros, da implementação de engenhos de açúcar e igrejas. Pode ser considerado um período

de formação, de exaltação das características brasileiras, que perdurou desde o século XV, até o século XVII, quando houve a influência do Barroco Europeu nos escritos nacionais (Bosi, 2022).

No Barroco, entre os séculos XVII e XVIII, o ideário de valorização da terra foi mantido, resquícios da Formação Colonial perpetuando os traços de uma escrita informativa de caráter histórico e social, escritos que enaltecem a terra para evidenciar os bens brasileiros e levar tais informações para os demais países, principalmente os Europeus, isso porque os padrões literários aqui desenvolvidos eram embasados nas produções portuguesas, não possuindo autonomia (Coutinho, 2004a).

Somente neste momento há, concretamente, a delimitação do primeiro período literário brasileiro dado pelas obras jesuíticas, de autores como José de Anchieta, Gregório de Matos, Antônio Vieira e Botelho de Oliveira, trazendo o dualismo entre o racionalismo e a fé característico do período, sem deixar de abordar fatos historiográficos e naturais, como em Vicente do Salvador e Rocha Pita (Coutinho, 2004a).

Já ao fim do século XVIII o Arcadismo, surgido dentro Era Neoclássica no período de transição do Barroco para o Romantismo, com seu aspecto racionalista, trouxe fortemente a natureza como reflexo na arte, caracterizado também pela busca de uma expressão realista, dominou o cenário literário, perdurando até o início do século XIX (Bosi, 2022). Dessa forma, autores como Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão, expunham em sua arte uma determinada simplicidade, prezando aspectos naturais como uma fuga do caos urbano, desvinculando-se das expressões artísticas portuguesas e possibilitando a criação de um identitário cultural nacional, mesmo que primitivo, atrelado ao cenário de independência que vinha-se fortalecendo.

Juntamente com o século XIX veio também a virada literária para o Romantismo, o período definitivo da autonomia literária brasileira que veio em conjunto com a independência do Brasil para com Portugal, deixando de ser colônia (Coutinho, 2004a). Período em que não mais se tem uma natureza expressa de forma simbólica como no Arcadismo, que passa a ser um agente ativo sobre o ser humano (Bosi, 2022), um idealismo da natureza, abrindo caminho também para expressões do individualismo, escapismo e ilogismo, abarcando sonhos e fé, retomada ao passado, expondo características do pitoresco e do exagero (Coutinho, 2004b). Este

período é dividido em outros cinco momentos, sendo eles o Pré-Romantismo, de 1808 a 1836, seguido pela Primeira Fase ou Grupo Fluminense, até 1840; depois pela Segunda Fase ou Indianismo, presente até 1850; a Terceira Fase ou a Fase do Individualismo e Subjetivismo, de 1850 a 1860; e a Quarta Fase ou Fase Liberal e Social, perdurando até 1870 (Coutinho, 2004a).

Durante o Pré-Romantismo tem-se a união das características do Arcadismo ao anseio de se chegar a uma literatura homogênea, influenciada por escolas francesas e inglesas, com destaque para escritos jornalísticos, o lirismo e a oratória, por autores como José Bonifácio de Andrada e Silva e Frei Francisco de Mont'Alverne. Na Primeira Fase, ainda em busca da reformulação dos assuntos abordados dentro do momento, acabou se inserindo noções de fé, crenças espirituais e religiosas, mesmo que com o aumento do atrativo para com os aspectos sociológicos, científicos, históricos e filosóficos, em que escritos fictícios e teatrais começavam a se desenvolver. Podem ser destacados autores como Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre (Coutinho, 2004a).

Já adentrando a Segunda Fase, o uso de cenários naturais é expressivo, bem como a aproximação da natureza a figuras divinas, juntamente com o emprego de figuras indígenas como símbolo de nacionalismo, tendo como principais autores Gonçalves Dias, Frei Antão e Almeida Braga. Na Terceira Fase, conhecida como Fase do Ultra-romantismo, ou do Mal do Século, com os escritos voltando-se para um subjetivismo, trazendo aspectos do cinismo e do negativismo, com autores como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Casimiro de Abreu. Por fim, na Quarta Fase, com o romantismo tendendo ao realismo, há um maior posicionamento político atrelado a questões abolicionistas, com destaque para os autores Castro Alves, José de Alencar e Sousândrade (Coutinho, 2004b).

Com o Realismo, a partir de 1870, ainda no século XIX, a Literatura assume uma postura objetiva, desvinculando as narrativas de idealizações, seja da natureza, ou de heróis/ídolos, como destaca Alfredo Bosi (2022, p.183), “[...], do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual.”, comportamento diretamente ligado ao contexto social da época, com a ascensão científica que vinha ocorrendo (Bosi, 2022), principalmente por causa de nomes como Auguste Comte, Charles Darwin e também por Friedrich Ratzel (Coutinho, 2004a). Os nomes de maior relevância do período foram Raul Pompéia, Aluísio Azevedo e, de

maior notoriedade, Machado de Assis, com narrativas que expunham problemas naturais e culturais. Havendo ainda dentro do período o aparecimento da escola do Parnasianismo, focada na descrição da realidade em tom impessoal, com autores como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira.

O Simbolismo, dentro do último quartel do século XIX (Bosi, 2022), é configurado como um breve momento, quase como uma transição do Realismo para os primeiros traços de Modernismo, tendo em consideração que este não conseguiu romper com os padrões simbolistas de países como Itália, Espanha e Alemanha, não trazendo o movimento para a realidade brasileira, mantendo também fortes ligações com o Parnasianismo que, em dados momentos, sobrepujam um ao outro. Ademais, o período é centrado na volta a totalidade, a arte por ela mesma, tentando superar a onda racionalista com a intervenção do uso de crenças, focado no subjetivismo dos sujeitos e não nos objetos, como era no Parnasiano. Foram reconhecidos autores como João da Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

Após isso, mas ainda antes de se chegar efetivamente ao Modernismo, passa-se pelo momento de transição Pré-Modernista, em que autores nascidos fora do período Modernista, no princípio do século XX (Bosi, 2022), tiveram escritos que começaram a tratar da realidade brasileira e seus aspectos sociais e culturais de maneira crítica. Narrativas como as escritas por Euclides da Cunha e Lima Barreto, por exemplo, que abordaram estas temáticas de forma extensiva, Euclides com o uso da figura sertaneja trazendo o Nordeste para suas narrativas, e Lima Barreto trabalhando sob a perspectiva urbana muitas vezes sob o Rio de Janeiro. Ensaístas como Graça Aranha, Monteiro Lobato, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manoel Bonfim também adentram este momento, mesmo que alguns destes tenham partido de perspectivas diferentes para evidenciar o Brasil.

O Modernismo em si, teve como estopim a Semana da Arte Moderna, em 1922 (Bosi, 2022), que foi sendo formulada em cima da percepção de decadência das correntes anteriores, do Simbolismo e do Parnasianismo, mesmo que dentro das camadas sociais médias ainda fossem consumidos largamente seus escritos, a elite, possuindo maior disponibilidade cultural e acesso a culturas exteriores, buscou romper com estes padrões e com os estabelecidos anteriormente. Com isso, o período não se prendeu a uma caracterização estática, seguida à risca, apenas ao fato trazer o novo, focado na experimentação, reformulando a expressão da cultura brasileira de

forma independente, sendo este o momento inicial, chamado de “Fase Heróica”, composta por autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira.

Dentro do período das Tendências Contemporâneas de Alfredo Bosi (2022), o Modernismo já estando consolidado a partir da década de 1930, alcança um novo patamar, em que é mantida a libertação estética agregando ao apontamento das problemáticas sociais, que pode ser visto em Graciliano Ramos, nos livros *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*, em José Lins do Rego, na série *Ciclo da Cana de Açúcar*, e em Cecília Meireles e seus poemas. Após meados de 1950/1955 o caráter nacionalista começa a deixar marcas na literatura, com a valorização de aspectos regionais e populares, expressos por nomes como Ariano Suassuna e Gianfrancesco Guarnieri.

2.2.2. Gêneros Textuais e Literários

Após este panorama geral dos períodos literários que formam a história da literatura brasileira, resta ainda diferenciar os gêneros textuais e literários para dar prosseguimento na pesquisa, delimitando cada um de acordo com seus respectivos teóricos para que, quando começar-se a abordar e contextualizar os livros, não ocorram equívocos quanto a estes gêneros. Para isso, ao se tratar de Gêneros Textuais, irá se partir das concepções do teórico literário Luiz Antônio Marcuschi (2008) expostas na obra “*Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*”, e para os Gêneros Literários optou-se em continuar utilizando Afrânio Coutinho (2004), que realizou demarcações acerca destas categorias de Gêneros Literários, ainda no livro “*A Literatura no Brasil: Introdução Geral*”.

No que tange aos Gêneros Textuais, Marcuschi (2008) coloca-os como sendo determinados por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais, e não uma delimitação por seu formato e características da escrita, sendo eles extremamente mutáveis e influenciados por Tipos Textuais. Os Tipos Textuais, atrelados a construção linguística, se dividem em cinco diferentes conjuntos, os de Narração, Argumentação, Exposição, Descrição e Injunção, categorias estas que dão embasamento para os incontáveis Gêneros Textuais. Estes, por sua vez, são aqueles que possuem padrões sociocomunicativos que exprimem diversas funções

comunicativas, podendo ser escritos, orais ou não verbais, como por exemplo receitas, telefonemas, artigos científicos, conversas casuais, resenhas, mensagens de WhatsApp, livros teóricos/acadêmicos, entre outros.

Já os Gêneros Literários são categorias restritas as produções literárias, aquelas que tendem ao artístico, que evocam emoção, desprendidos de padrões estruturais e de escrita. Encontrando-se, em suma, divididos em sete classificações (Coutinho, 2004a), a poesia lírica, de forte carga emocional e subjetiva, a epopéia, com suas poesias, a ficção, com sua consolidação durante o Romantismo, nos seus romances e crônicas, o teatro, iniciado desde os escritos jesuítas para o processo de catequização, a crônica, de caráter mais informal com a presença de prosas, as memórias e diários, expressos em narrativas como é o caso de “Quarto de Despejo” (2020), podendo ser em estilo de cartas.

3. METODOLOGIA

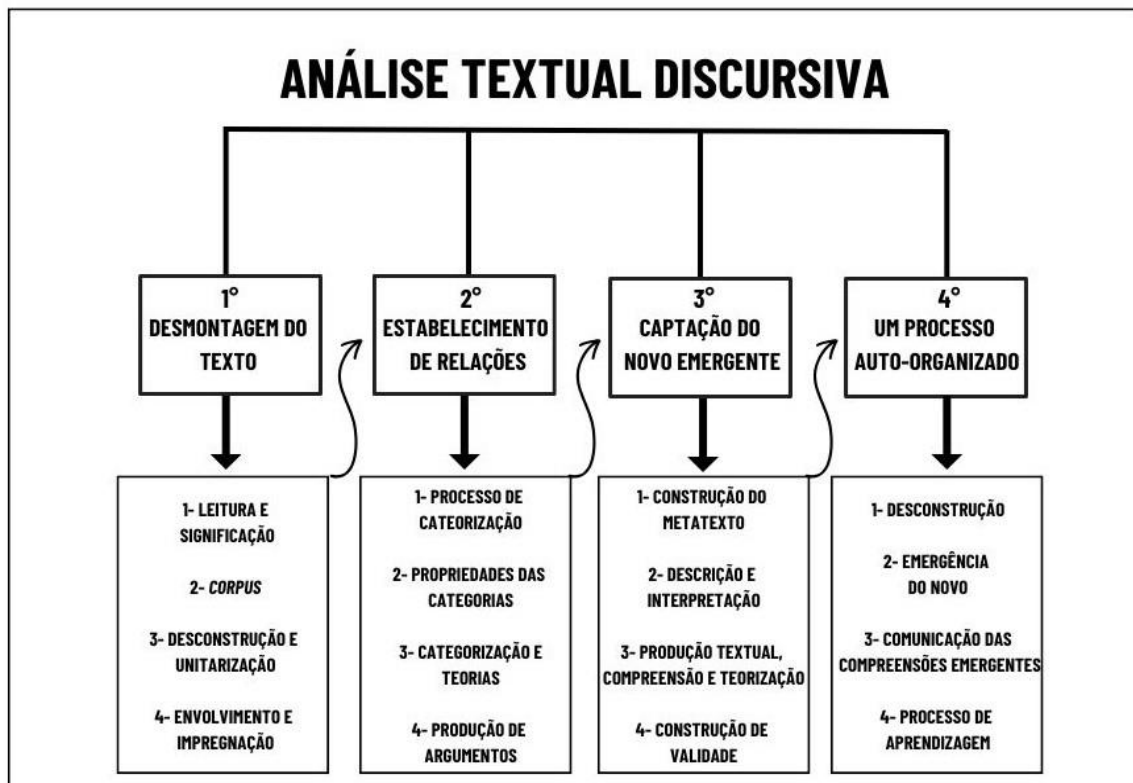
Diante de todo o referencial teórico aqui exposto e, como citado na introdução, para atender ao objetivo central do trabalho e efetuar um entrelaçamento entre a Literatura e a Geografia, optou-se pelo emprego da Análise Textual Discursiva, a partir daqui referida apenas como ATD. A ATD se configura como um método extremamente qualitativo, de análises textuais, capaz de evidenciar que a promoção científica não é realizada apenas pelas ciências naturais (Moraes; Galiuzzi, 2016), geralmente atrelado a fenomenologia por se tratar de meio de interpretação.

Embasado na fenomenologia o método torna viável a interpretação dos fenômenos sob uma nova visão, partindo de uma análise interna dos acontecimentos, interpretando-os de dentro para fora, com um viés mais subjetivo, não levando em consideração conceitos e reflexões preexistentes. No entanto, como a finalidade da presente pesquisa não consiste na compreensão de um fenômeno específico e sim na inserção dos estudos literários, de forma autônoma, dentro da ciência geográfica, o uso da ATD será feito a partir de outra perspectiva.

Já que este método consiste em quatro etapas para a sua efetivação, divididas em sub-etapas, a primeira delas sendo a desmontagem dos textos, passando para o estabelecimento de relações, seguido da captação de um novo emergente e finalizando com um processo auto-organizado, como mostra a Figura 03. Todo este ciclo servirá aqui em sua forma estrutural, passando por todas as etapas pontuadas. No entanto, o objeto central não será o estudo de um fenômeno, mas sim o uso desta estrutura para a formação de um novo produto, um metatexto de “Quarto de Despejo” com complemento de “Geografia da Fome”, evidenciando a possibilidade de apropriação dos estudos de Geografia Literária pela Geografia Crítica.

Voltando ao que tange as fases da metodologia, cabe explicar de forma detalhada cada uma delas. Inicialmente, com a desmontagem dos textos, visa-se dividir o texto para favorecer uma análise minuciosa, gerando unidades de observação menores, traçando um conhecimento aprofundado e maior envolvimento com a temática. Para o desenvolvimento correto da proposta, ocorrem outros quatro pontos indispensáveis: a leitura e a significação, o *corpus*, a desconstrução e a unitarização e o envolvimento e a impregnação.

Figura 03 - Estrutura da Análise Textual Discursiva.



Fonte: Adaptado de Moraes e Galiuzzi, 2016.

Inicialmente, com a desmontagem dos textos, visa-se dividir o texto para favorecer uma análise minuciosa, gerando unidades de observação menores, traçando um conhecimento aprofundado e maior envolvimento com a temática. Para o desenvolvimento correto da proposta, ocorrem outros quatro pontos indispensáveis: a leitura e significação, o *corpus*, a desconstrução e unitarização e o envolvimento e impregnação.

Na leitura e significação é preciso compreender que a leitura de qualquer texto pressupõe diversas interpretações, variando conforme o sujeito, ligada diretamente a bagagem teórica dos leitores, ao direcionamento dado pelos escritores e a relação de significado presente nos escritos. Assim como expresso por Moraes e Galiuzzi (2016, p. 37), “É impossível interpretar sem teoria; é impossível ler e interpretar sem ela. Diferentes teorias possibilitam diferentes sentidos de um texto. Como as interpretações das teorias podem sempre se modificar, um mesmo texto pode dar origem a sentidos diversos”, apontando o auxílio dado pelos conhecimentos prévios para uma análise desse gênero.

Sobre o corpus, este se refere ao texto analisado, podendo ser tanto escritos, como imagens ou manifestações linguísticas, elaborados em um contexto específico, sendo produzidos para a pesquisa, como entrevistas ou depoimentos, ou partindo de materiais pré-existentes, como artigos e livros. De forma que sejam documentos válidos, apropriados para o desenvolvimento de novos resultados, construindo uma compreensão inicial, levando em consideração também o panorama geral da realidade do escritor para interpretar seus textos de maneira confiável e não distorcida, visto que a vivência reflete nas produções.

Durante a desconstrução e a unitarização a atenção deve recair sobre o *corpus*, dissecando-o para examinar minuciosamente seus constituintes. Passando pela quebra da estrutura original do texto, subdividindo-o em unidades de análise identificadas de forma que facilitem a retomada do foco da análise, uma distribuição em tópicos, indicadas por códigos numéricos e títulos que carregam pontos centrais do texto e do estudo. Cabe ressaltar que em cada pesquisa realizada com o emprego da ATD é indispensável reformular todos estes processos apontados, reformulando os textos e concebendo novas ideias.

Ao fim da primeira etapa, resta ainda o ponto do envolvimento e da impregnação, em que o *corpus* já fragmentado passa por uma desorganização, rompendo com o ordenamento estabelecido pelo autor, deixando-o propositalmente desarticulado para dar margem a novas concepções. Procedimento austero que acarreta inicialmente a um estado de confusão em relação ao texto, mas que é capaz de teorias não exploradas para o contexto da leitura, uma vez que “A desordem é condição para a formação de novas ordens” (Moraes; Galiazzi, 2016, p.44), impregnando o pesquisador com o texto.

A segunda etapa, de estabelecimento de relações, é onde o olhar do pesquisador recai sobre as categorias criadas, o método utilizado para concebê-las, considerando suas características e propriedades. Este momento secundário é distribuído em quatro estágios, o processo de categorização, a propriedade das categorias, categorização e teorias, e produção de argumentos em torno das categorias, os quais unidos servem para dar início as novas reflexões e estabelecimento de conexões no texto.

Durante o processo de categorização do texto fragmentado são analisadas as unidades deixadas desconjuntadas para atribuir a elas um agrupamento entre

parcelas com características próximas, definindo e nomeando-as. As categorias podem ser desdobradas por um método intuitivo, quando após o contato exaustivo com o material as faz emergir conscientemente, por um método indutivo, a partir do *corpus* textual, de um método dedutivo, elaboradas antes do contato aprofundado com o *corpus*, ou até mesmo mesclando indutivo com dedutivo, visando o domínio sobre o texto.

Visto que: “O importante no processo (de categorização) não é sua forma de produção, mas as possibilidades de o conjunto de categorias construído propiciar uma compreensão aprofundada dos textos-base da análise” (Moraes; Galiazzi, 2016, p.47).

Após isso, deve-se elencar as propriedades das categorias, uma vez que elas só serão úteis se ocasionarem novas formas de interpretação do objeto e, para isso, alguns aspectos devem ser levados em consideração. Tal como a homogeneidade das categorias que devem ser propostas através de um mesmo viés, uma mesma justificativa, independentemente de sua estruturação, e ainda como a legitimação das mesmas, manter o foco no texto e nos objetivos que permeiam a pesquisa.

Na categorização e teoria as unidades de análise, que estão passando pelo processo de categorização, seguem determinado embasamento, estando ele implícito ou explícito, para elencar as categorias. As realizadas pelo método indutivo, ou seja, designadas previamente, terão as informações do corpus incorporadas conforme o uso do texto, e as feitas por método dedutivo que são emergentes do corpus textual, em que, independentemente da forma de categorização, exista a construção de sentidos para a análise.

O processo de produção de argumentos em torno das categorias ocorre ao finalizar a separação e embasamento dos conjuntos, deixando-os completos, para que se crie argumentos sobre eles, fundamentando a concepção do metatexto. Construindo dessa forma explicações entre as categorias, percebendo a associação delas com o todo textual, para gerar novos entendimentos, assim como denotam Moraes e Galiazzi:

Se no primeiro momento da análise textual se processa uma separação e fragmentação de unidades de significado, na categorização, no segundo momento da análise, o trabalho dá-se no sentido inverso: estabelecer relações, reunir semelhantes, construir categorias. O primeiro é um movimento de desorganização e desmontagem, uma análise propriamente dita; o segundo é de produção de uma ordem, uma compreensão, uma síntese. (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 53).

Já na terceira etapa, a captação de um novo emergente, é o momento em que o pesquisador consegue atribuir sentidos as categorias formuladas sobre o *corpus*, sentidos estes que devem ser embasados e validados no decorrer da aplicação da metodologia, tendo em consideração que as análises pressupõem argumentações legítimas por parte do autor. Para isso, este estágio passa pela construção do metatexto e sua estrutura textual, descrição e interpretação, produção textual, compreensão e teorização, e pela construção de validade.

No decorrer da construção do metatexto e sua estrutura textual parte-se da compreensão de que o método pode ser utilizado com diferentes finalidades, considerando sempre a crítica constante, em relação à escrita, um fator de suma importância, já que daí originam-se os resultados. Então, para o desenvolvimento do metatexto devem ser criados os chamados “argumentos centralizadores”, ou “teses gerais”, dispostos as categorias, em que sejam a chave para a concepção de argumentos verídicos que embasam o objetivo da pesquisa.

Com a descrição e interpretação realiza-se o detalhamento confiável do corpus, com citações diretas e imparcialidade para agregar veracidade e não enviesar o objeto de estudo. Elaborando assim uma produção que atinja os leitores tal qual o corpus, a partir disso trazer novas abordagens de sentido e compreensão durante a interpretação, que pode ser realizada com fundamentação de teorias pré-existentes de conhecimento do pesquisado, ou sem nenhuma teoria evidente, escolhendo-a no desenvolver do processo.

Na produção textual, compreensão e teorização é o momento de evidenciar a visualização, aprofundando-a e buscando novas interpretações constantemente através de questionamentos e críticas que estimulem esta etapa de criação de teorias, considerando que esta ação é infundável, podendo sempre ser revisitada e explorada em novas perspectivas. Esta teorização é capaz de ser feita de duas formas, propondo novas teorias através de bases fenomenológicas-hermenêuticas, ou com o aprofundamento de teorias já conhecidas, dando ao metatexto suporte para assimilar o *corpus*.

Já a construção de validade é a confiabilidade existente na descrição do corpus e no metatexto criado, analisando os textos e incorporando-os a argumentações críticas, absorvendo a concretude do texto e colocando-a no contexto real. Sabendo-se de tudo isso, dado que a ATD é a produção de novos resultados envolvendo um

texto base, mas que não faria sentido se não fossem fundamentados, dando espaço para que novas noções surjam com nitidez e rigor científico, pois “Todo texto necessita ter algo importante a dizer e defender [...]” (Moraes; Galiazzi, 2016, p.62).

Por fim a última etapa, de auto-organização, a qual é composta pela desconstrução, emergência do novo, expressão das compreensões emergentes e da nova ordem. Servindo para finalizar o ciclo do método, o último estágio para a confecção dos resultados da pesquisa, compondo a tríade de sustentação da ATD, sendo emergência que se interliga a desconstrução e comunicação, que possibilitam a chegada a uma nova compreensão válida, tão comentada no decorrer da explicação.

O foco da desconstrução é tecer uma nova divisão sobre o conteúdo estudado, como os próprios autores dizem, “É desestruturar ideias existentes [...]” (Moraes; Galiazzi, 2016, p.64). Isso afasta o pesquisador das noções lineares e já concebidas, para dar espaço a visões nunca tidas, uma ação caótica que obriga a saída dos moldes comuns que compõem o circuito do raciocínio habitual, gerando desconforto e incerteza até a construção inicial de insights originais.

Este fator desencadeia na emergência de novas ideias, em que surgem várias percepções diferentes acerca do do texto base e do conteúdo central da pesquisa, deixando as noções comuns de lado e se atendo a construção de argumentos para uma nova perspectiva. Para assim expressar as compreensões emergentes, demandando tempo para o levantamento de uma discussão embasada, em que se produz o texto com determinação e compreensibilidade, a fim de conseguir passar as ideias de forma clara, chegando ao cerne do argumento central do estudo.

Para que todas estas etapas constituem uma aprendizagem, uma nova ordem, adquirida por meio da análise profunda sobre um texto específico, entendendo-o tão intimamente que se faz possível visualizá-lo de variados ângulos e estudá-lo de maneiras ainda não conhecidas. Cabe lembrar que “[...] a Análise Textual Discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados fenômenos, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos” (Moraes; Galiazzi, 2016, p.67.).

Compreendendo o método, resta ainda apontar de que forma ele foi empregado para a obtenção do objetivo central aqui buscado, o entrelaçamento entre Geografia e Literatura. Para isso, inicialmente entendeu-se como se deram algumas das diferentes correntes geográficas, assimilando a escolhida, Geografia Crítica, a

Literatura por intermédio da concepção do Direito à Literatura (Candido, 1995). Por ambas as percepções, o caráter social se destaca, como já explicado na introdução e referencial teórico. Em vista disso, optou-se pela escolha do texto central “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada” (2020) a ser passado pela ATD, por ser um símbolo das desigualdades sociais existentes no país.

Assim, o livro passou por uma releitura, por já ser de conhecimento da autora, nesta primeira etapa de desmontagem do texto, sendo-lhe atribuído determinados significados conforme a leitura e análise foram realizadas, noções associadas à abordagem de “Geografia Da Fome” (2022). Concomitante a isso, a obra foi passando pela desconstrução, aqui empregada no formato de fichamento, trazendo para dentro do estudo de forma fiel a vivência expressa por Carolina Maria de Jesus em seus diários, sem deturpar o material, bem como o consumo de materiais relacionados a vida e obra da autora para um maior envolvimento com sua realidade.

Para o estabelecimento de relações, o fichamento de “Quarto de Despejo” (2020) foi analisado e categorizado, categorias estas que foram criadas conforme os meses e os anos das descrições presentes nos diários de Carolina, facilitando a leitura dos resultados. Este procedimento também viabilizou uma percepção mais assertiva sobre cada uma das categorias, permitindo notar os nuances de sua alimentação conforme os meses passavam, e com isso traçar um novo paralelo argumentativo relacionado a “Geografia da Fome” (2022), o qual também foi fichado, para corroborar na relação de novas ideias e entendimento da situação de subnutrição existente na região central do país.

Durante a captação de um novo emergente, foi criado efetivamente o metatexto, ou seja, produziram-se novos paralelos em cima do fichamento de “Quarto de Despejo” (2020) unindo-o aos aspectos centrais de “Geografia da Fome” (2022), interpretando-os profundamente. O que resultou na produção escrita do metatexto, como também no entendimento desta relação e possibilidade de inserção de argumentos para esse novo pensamento.

Para finalizar, na quarta etapa, de um processo auto-organizado, o texto após passar pela desconstrução, estabelecimento de relações e captação de um novo emergente, virando um metatexto com novas ideias fundamentadas por outros materiais, precisa ainda repassar estes novos argumentos. Visto que são noções

embasadas e com veracidade, transformando o metatexto em um resultado válido, para assim gerar um conhecimento inédito/renovado.

4. RESULTADOS

Assim, para a exposição dos resultados, estes serão dispostos em diferentes tópicos e subtópicos, sendo três tópicos centrais, cada um destinado a um produto textual, “Quarto de Despejo” (2020), “Geografia da Fome” (2022) e o metatexto do entrelaçamento destes. Iniciando cada tópico com uma apresentação breve acerca dos livros, trazendo uma contextualização dos seus autores, suas vidas e o gênero textual o qual as obras se encontram, para retratar o Brasil através de duas noções distintas, pela abordagem acadêmica e pela literária, visões unidas ao final pelo metatexto.

Além disso, os subtópicos são as partes dos textos separadas em categorias, proporcionando uma perspectiva estrutural dos livros, mantendo conjuntamente a proximidade com a estrutura textual original. Em razão disto, o tópico “Quarto de Despejo” (2020) contará com subtópicos relacionados às divisões mensais das transcrições dos diários de Carolina, como explicitado na metodologia, já para o tópico “Geografia da Fome” (2022), os subtópicos irão corresponder aos diferentes capítulos do livro por se tratar de um fichamento mais conciso e direto.

4.1. QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

É sabido que o livro “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada” (2020), Figura 04, inserido dentro do gênero literário de diário, elenca um compilado das vivências cotidianas enfrentadas por Carolina Maria de Jesus e seus três filhos, Vera, José Carlos e João na Favela do Canindé, na metrópole de São Paulo, entre os anos de 1955, 1958, 1959 e 1960. No entanto, antes da apresentação de seu fichamento, é de suma importância conhecer quem foi a autora, sua construção e trajetória de vida até o momento da sua consolidação dentro do mercado literário, dado que para um entendimento aprofundado da obra, em razão do seu tipo textual, se faz necessário o entendimento dos fatores que a constituíram.

Nascida de mãe liberta pela lei do ventre livre no ano de 1914 em Sacramento, Minas Gerais, Carolina cresceu ouvindo as histórias contadas pelo seu avô que fora escravizado, residindo junto de sua família até sua adolescência. Chegando a São Paulo em 1937 após percorrer o interior dos estados de Minas Gerais e São Paulo, fixando-se na cidade como trabalhadora doméstica, engravidando de seu primeiro

filho onze anos depois, o que ocasionou em sua demissão, a partir disto tendo que sobreviver com a renda adquirida em subempregos, mudando-se de cortiços, para um viaduto e, por fim, para o Canindé (Barone, 2019).

Para conseguir construir seu barracão recorreu a doações de sobras de madeira, levantando uma pequena moradia de um metro e meio por um metro e meio, segundo a própria, estrutura que foi aumentada conforme a obtenção de materiais para abrigar os demais filhos. Residindo ali até o ano de 1961 quando, com os direitos de seu livro, conseguiu enfim comprar sua casa de alvenaria na Zona Norte de São Paulo, no entanto, devido ao preconceito racial sofrido por ela e sua família no bairro “de brancos”, mudou-se para um sítio em área rural em Parelheiros, ficando lá até seu falecimento.

4.1.1. Fichamento

Seguindo o formato de fichamento no formato de resumo, será disposto aqui o fichamento de “*Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada*” escrito por Carolina Maria de Jesus, autora de um dos relatos mais crus sobre a fome no Brasil. Utiliza-se aqui a 10ª edição da Editora Ática lançada no ano de 2020, figura 04, dividida em quatro partes. Possuindo em seu corpo uma breve apresentação, seguida pelo prefácio, redigido por Audálio Dantas jornalista, responsável por encontrar Carolina durante pesquisas para uma matéria jornalística referente a Favela do Canindé, chegando por fim os escritos dos diários da autora, mais precisamente dos anos de 1955, 1958, 1959 e 1960, aqui divididos em tópicos para cada um dos meses, facilitando a visualização e leitura. Para finalizar, o livro conta com uma concisa apresentação da autora e sua trajetória de vida.

Figura 04 - Capa da edição de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” utilizada no trabalho



Fonte: Amazon, s.d.

Na pequena apresentação do livro, chamada “Favela, O Quarto de Despejo de uma Cidade”, são passados os aspectos gerais da obra em uma página única, apontando que Carolina migrou da cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, para São Paulo onde, após consecutivas desventuras, viria a morar na Favela do Canindé, a primeira ocupação irregular da cidade. Antes do processo de desocupação, cenário sempre presente nas falas da autora, este retrato nú da favela pelos olhos de uma pessoa favelizada trouxe para o cenário popular o outro lado do Brasil, o lado da fome e da miséria, da escassez, das desigualdades escancaradas que se manifestam no cenário urbano, resultante de forte movimento migratório dos pobres no país, aspectos estes que corroboram para o sucesso da obra, tornando-a um *best-seller*¹, que foi publicada em outras 13 diferentes línguas.

Já no prefácio “A Atualidade do Mundo de Carolina”, Audálio Dantas retoma a sua trajetória de encontro com Carolina. Logo no início de sua carreira, quando foi mandado ao Canindé para escrever sobre o crescimento desordenado da favela, que

¹ Termo utilizado para denominar livros de grande sucesso comercial, com um elevado número de tiragens e de vendas.

se espalhava até as margens do Rio Tiête, desistindo da ideia de fazer apenas uma publicação quase que simultaneamente ao ouvir os relatos da futura autora. Levado por ela até seu barracão, é surpreendido por 25 versões dos diários de Carolina, decidindo então editar este material, sem alterar a ortografia e publicá-lo, em um primeiro momento, de forma fragmentada nas revistas “Folha da Noite”, em 1958, e “O Cruzeiro”, em 1959.

Após as publicações de trechos selecionados dos diários de Carolina, Audálio na posição de editor, revisa novamente os textos e seleciona os fragmentos mais profundos e marcantes dos escritos para compor uma nova edição, agora em formato de livro publicado no ano de 1960. Tamanho impacto alcançado pelo livro, rendendo mais de 100 mil exemplares no ano de sua publicação. Toda essa venda de livros foi capaz de, não apenas alterar a situação econômica da autora e seus filhos, que enfim passaram para a tão sonhada casa de alvenaria, apresentando-se como material indispensável para as discussões da pobreza e das privações urbanas, continua atual, expondo a realidade dos inúmeros quartos de despejo do país.

4.1.1. Julho de 1955 - “Atualmente somos escravos do custo de vida.”²

Partindo devidamente para a realidade social da autora, com as anotações do diário de 1955, mais precisamente do dia 15 de julho, dia do aniversário de sua filha mais nova, Vera Eunice, que necessitava de um conjunto novo de calçados, já que seus antigos estavam furados. Mas em decorrência do alto valor dos alimentos e da dificuldade de conseguir dinheiro para comprá-los, que são os produtos básicos para a sobrevivência dos seres vivos, não há a possibilidade de adquirir outros produtos que proporcionem uma existência menos sofrida, já que, como assinala a autora, “Atualmente somos escravos do custo de vida.” (Jesus, 2020, p.11), tendo que trabalhar incessantemente para conseguir adquirir o mínimo, como o próprio alimento.

Assim, repelindo o pensamento de consumo, a autora detém a única resolução possível para seu problema, encontrando no lixo sapatos que possam ser restaurados para que sua filha não fique descalça. Seguindo seu dia, *com as batidas do vazio da fome*, Carolina vai trocar alguns litros por pão para não deixar seus filhos e ficar sem nada, antes de sair para receber o dinheiro do papel coletado no dia anterior, dinheiro

² (Jesus, 2020, p. 11)

suficiente apenas para a compra de um pouco de carne, toucinho, açúcar e queijo, mantimentos que não durariam muito mais do que dois dias, mesmo que sendo racionados. Carolina não sai trabalhar à noite para catar papel devido a exaustão e a fadiga da fome.

No dia 16, com Carolina levantando ao clarear do dia para buscar água e conseguir lavar suas roupas e de duas outras pessoas que a “contrataram” para esse serviço, logo ao acordar suas angústias já são expressas, a necessidade de dinheiro para comprar o básico para se viver. Mesmo estando cansada, tenta se benzer, cogitando que o cansaço fosse culpa do mau-olhado, após isso sai para catar papel e o que mais encontrar que possa vender, como latas e ferros, ou utilizar de alguma maneira a lhe favorecer, como carvão e lenha.

Além da exaustão constante advinda do trabalho informal e desumano que Carolina atrela a sua situação econômica, como quando diz que “[...], o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gosar descanso” (Jesus, 2020, p.12), sabendo distinguir criticamente que o tempo livre para descanso é um privilégio das classes mais abastadas. Passa conjuntamente pelo cansaço mental e pela culpa, em razão da falta de dinheiro, por não conseguir alimentar a si mesma e a seus filhos e nem conseguir comprar produtos comuns, tal como um par de sapatos que sua filha precisava, encontrando como solução a restauração de sapatos velhos encontrados no lixo como única opção de presente de aniversário.

Novamente, dia 17, acorda cedo, busca água, faz o café da manhã com apenas um pedaço de pão que reparte entre os filhos, coloca o feijão ganhado no dia anterior para cozinhar, e vai lavar roupas. Ao retornar para casa presencia uma briga entre um casal de vizinhos, agressão doméstica compondo uma parcela considerável de seu cotidiano na favela, ao cair da noite sai para procurar papel, mesmo estando cansada é movida pelo medo da fome, voltando somente as 12 horas da noite, quando enfim pode alimentar a si e a sua filha, para só então poder se deitar e começar tudo novamente em meio fome, trabalho precário e violência pública e doméstica.

Carolina se levanta feliz, dia 18, vai receber o valor correspondente aos papéis deixados no depósito e, com o dinheiro, consegue passar ao mercado para uma compra minúscula de pão e leite, deixando uma fração de seu dinheiro para pagar os produtos comprados quando não tinha dinheiro. Ao chegar na favela, tratada como inferno pela autora, sua paz é extinta pelas vizinhas que vão até seu barracão

reclamar da falta de educação de seus filhos, coisa inadmissível para ela que ressalta que mesmo com sua baixa escolaridade procurou formar caráter e sabe que não há necessidade de brigar com as crianças.

Após este ocorrido, ganha alguns peixes de um peixeiro das redondezas e os usa para preparar o almoço. Seguindo por reflexões da autora sobre a situação das mulheres favelizadas que passam por agressões constantes por parte de seus parceiros e dependem financeiramente do sustento deles, expressando sua felicidade por não estar junto de nenhum homem que interfira na sua calma e na criação de seus filhos. A noite, como de costume, segue seu ritual de peregrinação pelas ruas em busca de papel e de latas, retornando quase que por volta das 12 horas, se recolhendo e indo dormir.

Acorda e vai buscar água, na fila da torneira espera até poder encher sua lata, seguindo para o depósito receber o dinheiro de seus papéis que a possibilitou de comprar leite e pão. Chegou em casa, deu suporte para as crianças, varreu o barracão e chamou um homem para construir um balanço no pátio da sua “casa”, como uma tentativa de manter seus filhos em casa durante suas saídas para trabalhar, não deixando-os tão expostos para apanhar das vizinhas. Saiu para vender suas latas e com o valor iria pagar a conta de luz, voltou e logo saiu para procurar papéis com receio de que entrassem em seu barracão para repreender seus filhos.

Fala também sobre as saídas que as pessoas favelizadas encontram para se desvencilhar da fome, como as mães que com seus filhos vão até a feira tentar encontrar frutas e verduras ou restos de cabeças de peixes descartadas pelos compradores, e também pela distribuição de pão e cestas básicas realizadas por entidades religiosas. Destaca ainda sua vontade de sair da favela, não reconhecendo-a como um lugar de existência humana. Devido ao seu cansaço, físico pela escassa alimentação e emocional pelas dificuldades sofridas, não sai para procurar papel.

Acorda mais cedo do que de costume, às 04 horas da manhã do dia 20, para poder escrever, depois buscou água e partiu comprar pão e leite, arrumou o café da manhã, lavou as louças e suas roupas. Saiu à procura de papéis, levando sua filha consigo, carregando-a no colo e o saco de papel sobre a cabeça, frisando a necessidade de ser compreensiva com os filhos que não pediram para estarem imersos nessa realidade. Ao voltar para casa dá uma pausa para escrever, sem poder voltar para a busca de papéis a noite, já que Vera não adormeceu, mesmo assim

passa mal pelo tanto de trabalho realizado, vende seus papéis, toma alguns remédios e se deita.

Já no dia 21 esquiva-se da vendedora de frutas e verduras por saber que custam muito e que se seus filhos vissem seria obrigada a comprar, por eles gostarem de comer. Depois, rotineiramente, foi lavar roupas e, no meio tempo que restou, começou a escrever em seu diário, terminada esta tarefa preparou o almoço e passou a tarde a escrever. No momento em que a luz foi ligada, deu banho nos filhos e saiu para catar papel, em outro de seus pequenos dias alegres, mesmo estando indisposta. Devido ao frio, voltou cedo para o barracão, se alimentou das sobras do almoço e, antes de deitar-se, foi ler.

No entanto, no dia 22, Carolina expressa sua inconformidade com a vida ao ver uma senhora abastada que adotou como filha uma menina negra, conversando com elas para em seguida sair procurar papéis, conseguindo uma boa quantia, suficiente para encher alguns sacos. Entre o meio tempo da sua procura, parou e conversou com conhecidos e desconhecidos, levou um saco de latas para uma mulher plantar flores, até conversar com uma jovem costureira negra que lhe contou sobre seu desgosto pelo ofício, aspirando em ser feliz como a autora que está sempre a catar e cantar.

Ouviu rádio enquanto cozinhava, dia 23, dormiu, acordou e foi escrever seu diário, destacando seu prazer pela leitura. Dia 24, buscou água, comprou pão e sabão, cozinhou feijão, lavou roupas, brigou com uma das vizinhas que estava a xingar seu filho, mesmo não compactuando com este tipo de comportamento, passado um tempo foi escrever. No dia seguinte, amanheceu feliz percebendo que são nas manhãs de paz que encontra menor frustração de residir na favela, e foi visitar uma amiga.

O dia 27 começou com Carolina indo buscar água, mas acabou discutindo com o marido de uma das vizinhas que não queria que ela pegasse água, pela falta de dinheiro apenas esquentou o que restara do dia anterior. Ficou sabendo de casos de roubo que haviam acontecido durante a noite e decidiu levar seu rádio para a segurança da casa de uma de suas amigas. Recebeu o convite para deitar-se com um homem, mas recusou, lembrou-se de seus escritos que, desde aquela época, eram para ela o que ocasionaria em sua estabilidade financeira, idealizando a compra de uma casa para conseguir sair da situação de favelização.

No último dia de seus diários do ano de 1955, dia 28, desacreditada a autora conta que os sacos de papel que havia conseguido juntar tinham sido queimados, uma conhecida lhe disse que parte da culpa era de Carolina por deixar os sacos à vista, além de dizer que os favelizados eram ladrões. Em razão deste discurso e também pela falta de humildade da família a qual a mulher pertencia, a autora conclui que foi ela quem queimou seu sustento, pontuou que não se ressentia por já ter sofrido nas mãos humanas a ponto de ter se acostumando.

4.1.2. Maio de 1958 - “[...] Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.”³

Os diários de 1958 começam no dia 02, iniciados em tom de maior sofrimento, Carolina expressa sua angústia por ter deixado a escrita de lado por achar que sua realidade não valia a pena ser retratada, no entanto seguiu sua necessidade e voltou à escrita. Ademais, o filho José Carlos, de nove anos na época, fora intimado pela polícia o que abalou profundamente a visão de mãe que a autora tinha sobre si mesma, mas pela autora ter passado o dia catando papel e por estar chovendo, acabou não conseguindo comparecer a delegacia. No dia seguinte, foi à feira e ganhou verduras que não pode comer pela falta de gordura para o preparo, com os filhos nervosos pela fome. Dia 06, estava feliz, buscou água, cantava mesmo enquanto ia à delegacia após receber outra intimação.

Passando para o dia 09, Carolina cata papel, contrariada por não gostar de ter de fazê-lo, para amenizar a agonia se faz imaginar que está sonhando. Já no dia 10, foi para a delegacia e se chocou ao falar com o delegado, que se mostrou prestativo e atencioso com ela e seus filhos, compreendendo as dificuldades enfrentadas por eles na favela. Dia 11, no Dia das Mães, ganhou alguns cruzeiros de uma amiga, cozinhou os ossos de uma cabeça de porco, que havia ganhado no dia anterior, para utilizar a água saborizada no cozimento de batatas.

No Dia da Abolição da Escravatura, dia 13 choveu e Carolina só tinha feijão e sal, para passar o tempo e esperar a chuva passar, para enfim poder vender alguns ferros e comprar arroz e linguiça, ela escreve. Após isso, mandou um bilhete a uma conhecida pedindo um pouco de gordura emprestada, mas ela não possuía. Com a

³ (Jesus, 2020, p. 43)

chuva veio o frio, os filhos pediam por mais comida, mas não tinha, por sorte conseguiu banha com outra conhecida e um pouco de arroz. Lutando pela sua libertação, “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome!” (Jesus, 2020, p.32).

Dia 15 ela, se utilizando de seu avantajado senso político, expressa sua opinião sobre a situação política atual na seguinte frase, “[...] eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2020, p.32), além de tentar intervir em outra desavença entre vizinhos. No dia seguinte, está novamente perturbada pelo desejo de ficar em casa, mas sem ter essa possibilidade, já que se encontra apenas com um pedaço de pão em casa.

No próximo dia, ainda perturbada, escreve seus anseios mais graves, a vontade de morrer para superar a fome, durante a tarde, quando chega ao Canindé um caminhão distribuindo latas de linguiça vencida, a autora compara a si e aos demais favelizados aos corvos que recebem alimentos estragados para o consumo. Dia 18, uma conhecida da autora, Dona Maria José, pessoa querida por sempre tentar ajudar os residentes da favela, morreu, mas Carolina optou por não comparecer ao enterro.

Logo pela manhã do dia 19, ela aprecia os pássaros e reflete sobre a desigualdade existente apenas nas sociedades humanas, abordado mais uma vez a falta de vontade de viver que vem lhe acompanhando, saiu para buscar papéis com Vera, um pouco menos amargurada. Quando voltou, colocou Vera e João, seu outro filho, para dormir, já que precisava pegar o bonde para comparecer à delegacia e encontrar José Carlos que por ela esperava, após pegá-lo, chegou ao Canindé por volta das 20:30h, maldizendo sobre o cheiro de excrementos misturados ao de barro que permeiam a favela, então atribuindo ao local o título de quarto de despejo, onde se joga o que é descartável.

Levantou-se cedo e, junto de seus filhos, dia 20, começou a cantar pressentindo a chegada do frio, fala de suas vizinhas que vão a igrejas buscar pães para seus filhos enquanto seus maridos ficam em casa, dizendo interferir na vida dos casais apenas em caso de violência por não se dar bem com os adultos, apenas com as crianças. Destaca, mais uma vez, sua visão sobre a sociedade que não evolui, mas retrocede, em razão do agravamento das dificuldades enfrentadas pelos indivíduos à

mercê da pobreza, mesmo com os avanços que favoreçam os mais ricos. Além disso, se ressentia ao lembrar que não possui comida suficiente para saciar seus três filhos, frustrando-se como mãe, depois de retornar para o barracão, é recebida por seus filhos que encontraram pacotes de macarrão no lixo, para o jantar, cozinhou feijão com macarrão.

No dia 21, despertou de um sonho no qual possuía uma casa, verdadeira, com todos os cômodos disponíveis e que se alimentava prazerosamente, acordada percebeu que tinha pouco dinheiro e pouca comida, contando que comeu o macarrão encontrado pelas crianças aceitando a possibilidade de que ele podia lhes matar. Contou que, em 1953, um conhecido, também sem dinheiro para se alimentar, acabou cedendo a fome e comendo carne do lixo, sendo encontrado morto um dia depois. Durante a tarde foi trabalhar na casa de uma conhecida, pelo caminho catou papel, encontrou cará, batata doce e batata salsa no lixo, levou para casa e cozinhou o jantar.

Posterior ao dia 21, Carolina estava amargurada e infeliz porque estava chovendo e não iria conseguir sair para buscar papel, estava sem dinheiro, esquentou as sobras do dia anterior e cozinhou as batatas, só tinha pão duro. Mandou seu filho ir vender alguns ferros que tinha guardado em casa, o valor não deu para comprar carne, então fez o que sobrou do macarrão com cenoura, sem ao menos colocar gordura, porque não tinha.

Como ainda estava chovendo, dia 23, Carolina continuou amargurada, sua casa estava bagunçada e não tinha nem sabão para poder lavar as louças e roupas. Conseguiu fazer comida e ao ver a gordura na panela, tanto ela, quanto seus filhos se contagiaram por ter o que comer, mesmo que seja apenas arroz e feijão, já que até estes subiram de valor, ficando inacessíveis a sua disponibilidade econômica. Ao se alimentarem não reclamam do aspecto nem da coloração do feijão, fato explicado em tom deprimido pela autora, como sendo “[...] porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.” (Jesus, 2020, p.43).

Pulando para o dia 26, mais uma vez com o tempo chuvoso e pouco dinheiro para ir ao mercado, foi esquentado a pouca comida que restou, Carolina também ferveu os ossos de uma cabeça de porco que tivera ganhado no dia anterior e, com a água saborizada, cozinhou batatas para ter ao menos o sabor da carne. Dia 27, já bastante enfraquecida pela fome, Carolina vende alguns papéis e se obriga a tomar

um café com pão para aliviar a dor da fome, alimentada consegue trabalhar de maneira rápida e escreve em tom mais otimista.

No dia 28, volta a chover e a autora está sem dinheiro, angustiada mais um dia na favela, sem comida, sem dinheiro, sem roupas decentes, nem para ela, nem para os filhos, quem mal tem o que calçar, falando de como a favela é o pior ambiente para as crianças crescerem já que presenciam frequentemente mulheres nuas tiradas de suas casas durante brigas. A chuva se dissipou, dia 29, mas ainda continua frio, fica estressada ao ver as crianças sujarem de barro as poucas roupas que possuem e presencia a chegada de novos moradores que improvisam um barracão.

Passado mais um dia, saiu com Vera, estava inquieta por não saber se conseguiria dinheiro suficiente para comprar alimentos, seu filho José chegou com um pacote de biscoitos encontrados no lixo e todos comeram, depois percebeu que chegaram mais alguns moradores novos ao Canindé. Estava mais ansiosa que o normal, dia 31, porque era sábado e precisava conseguir dinheiro para a comida de sábado e de domingo, colocou feijão cozinhar, ganhou bananas e mandiocas na feira, foi paga para se desfazer do corpo de um cachorro, comeu um ovo e comprou banha, para o jantar fez arroz, feijão, pimentão, chouriço, uma espécie de salsicha feita com carne, de porco ou de gado, misturada com gordura e sangue do animal, e mandioca frita.

4.1.3. Junho de 1958 - “Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome.”⁴

Primeiro de junho de 1958, Carolina se desentendeu com Vitor, um vizinho, que ameaçou lhe matar, chamou a rádio patrulha que o detiveram por 4 horas, lembrou do seu carinho pela sua mãe que a educou e desejava que a filha fosse professora, depois fez de almoço arroz, feijão, repolho e linguiça, o que a deixou contente, se sentindo humana. No próximo dia, estava frio, ela fez fogo para se aquecer, mandou João comprar pão e café, mais uma vez estava ansiosa pela possibilidade de não arranjar dinheiro, contou de seu Manuel que a pediu em casamento, mesmo ela não querendo se casar, e lhe deu dinheiro para mandar costurar um vestido para Vera.

⁴ (Jesus, 2020, p. 63)

Carolina saiu de bonde com Vera na manhã do dia três, quando voltou e começou a escrever ouviu briga entre um casal de vizinhos separados, porque o homem apareceu com outra mulher em seu carro e sua ex-mulher, juntamente com mais três mulheres e um menino, começaram a agredir e ameaçar de morte a nova companheira de seu ex-marido, precisando de intervenção. Falou também de sua vizinha, Dona Domingas, que deu moradia a uma mulher que ficou desabrigada e acabou tomando a casa de Domingas para si alegando ser feiticeira, após isso contou que alguns vizinhos precisaram apagar o fogo que Leila e Arnaldo colocaram em seu barracão.

Passados dois dias, tomada por seu senso político, já desacreditada da democracia, a autora foi para uma assembleia. No dia seguinte, brigou com José Carlos que estava passando muito tempo fora de casa, disse-lhe que não o deixaria entrar em casa passado das 22 horas, saiu e comprou pão, mas durante a noite o pão já estava duro, e constatou que houve outra briga, desta vez entre favelizados vindos do Nordeste pelas expressões utilizadas por eles durante o desentendimento relacionado a um cachorro.

Mais um dia se passou, seus filhos tomaram café e foram para a escola, depois disso Carolina e Vera saíram para procurar papel, passando pelo frigorífico para ver se conseguia linguiça, conseguiu uma boa quantidade de papéis e parou para tomar uma medida com sua filha, saindo mais uma vez para catar mais papéis. Expressou também sua vontade de ser homem, desde a infância, para poder servir ao país, comparou novamente os favelizados a corvos que ficam às margens do rio sobre os lixos despejados, e encontrou um senhor passando fome, ao falar com ele e lhe oferecer dinheiro, o homem negou-lhe e em tom pessimista disse saber o que fazer no futuro.

Cozinhou para o almoço arroz, feijão e pasteis, dia 08, contagiando-se com a comida, presenciou a briga entre dois irmãos nordestinos, em seguida refletiu sobre a condição das pessoas favelizadas que, no caso da Favela do Canindé, alteraram a dinâmica do bairro ao redor, o bairro das casas de alvenaria que começou a se contagiar pela presença da pobreza aos arredores. Relembrou de quando eram obrigados a pedir água aos vizinhos de casa de alvenaria, especialmente a Dona Ida, mas passaram a ignorá-los, ouvindo da sogra de Dona Ida o desejo que houvesse uma enchente e matasse os residentes das margens.

No outro dia, saiu catar papel, memorando sua solidão e dificuldade após o parto da filha caçula, já que não recebeu auxílio de ninguém, tempo depois a secretaria da saúde foi ao Canindé passar um vídeo informativo sobre os problemas de se utilizar a água do Rio Tiête que, devido a poluição, poderia vir a causar esquistossomose. A autora fala sobre o fardo que é ter que buscar água por não ter dinheiro para pagar sua própria, dia 11, já que é em volta da torneira que as mulheres da favela se reúnem para falar da vida alheia, o que irrita Carolina.

Acordou de madrugada, dia 12 às 03 da manhã, para conseguir escrever no silêncio, fez café, buscou água e contou de outra briga entre homens. Passado outro dia, mandou os filhos para a escola e saiu catar papel, encontrou uma jovem menina que lhe falou que queria um emprego para poder andar bonita, falou do aumento dos valores dos alimentos e criticou o sistema que opta por armazenar a comida para vender por um preço mais alto, prejudicando as pessoas em prol do individualismo, evidenciando sua consciência de classe.

No dia 14 choveu e não pode procurar papéis, então pegou seu guarda-chuva velho e foi ao frigorífico para tentar conseguir carne ou ossos, ganhou ossos e ficou levemente mais contagiada, porque assim já poderia fazer uma sopa de ossos e não ficar com a barriga vazia. Depois, como aos sábados uma fábrica distribuía bolachas, foi para a fila, mesmo com os donos falando que não iriam distribuir bolachas em razão do alto valor da farinha de trigo, mas com insistência algumas pessoas conseguiram ganhar um pouco, Carolina não e decidiu passar pela feira para ver se conseguiria arranjar algumas frutas e verduras.

No dia seguinte, enquanto fazia o caminho para comprar carne, sabão e pão, parou em uma barraquinha de jornais e leu a manchete de uma mãe que se suicidou por estar passando dificuldades, ficou angustiada por compreender a dificuldade de ouvir os filhos pedindo por comida e não ter como fornecer. Falou de outra briga que ocorreu neste dia entre famílias de nordestinos, o que a levou a lembrar de uma mulher que tinha quatro filhos e durante uma briga acabaram quebrando os ossos de um deles, que veio a falecer, depois comentou sobre um soldado que vinha lhe cortejando, mas por ser adepto a bebida, não quis se envolver.

José Carlos estava doente, dia 16, então Carolina recorreu a remédios naturais por não poder comprar nenhum medicamento, contou dos anos anteriores quando escrevia peças e mostrava a diretores de circos que expressavam seus pensamentos

pejorativos em relação a pele negra da autora, que reafirmou gostar de ser negra e evidenciou as vantagens advindas de sua cor. Passado mais um dia, não dormiu bem, levantando várias vezes durante a noite para escrever, pois estava inquieta porque Vera adoeceu e precisou de calmantes, quando parou de chover partiu catar papel, encontrou tomates e alho, voltou para casa e sua filha tinha piorado.

No dia seguinte, dia 18, estava chovendo e o quadro de Vera piorou, continuando a vomitar vermes. Sua filha permanecia doente, dia 19, estava frio e precisou mandar José Carlos à escola, porque era dia de avaliação, mesmo ele estando sem sapatos, após isso, saiu para catar papel e logo voltou para ficar com Vera devido sua preocupação. No dia 20 os papéis da rua estavam escassos, continuava ansiosa com a situação da filha e com as despesas a mais que não conseguia comportar para a recuperação dela, estava com medo que ela não melhorasse.

Mandou José Carlos para a escola, dia 21, ganhou ossos no frigorífico, teve dificuldades em encontrar papéis, mas depois conseguiu uma quantidade suficiente para comprar o sapato que havia prometido a Vera e para ter o que comer sábado e domingo. Decidiu que iria fazer uma sopa com os ossos e com o pouco de arroz e macarrão que possuía em casa, estava exausta e não conseguiu sair para catar mais papéis, mas como estavam dando cartões na rua, levantou e saiu, encontrando João com um dos cartões que instruíram a buscar um prêmio na Rua Javaés.

No dia 22 se levantou às 05 horas, arrumou e alimentou Vera para irem à festa da Rua Javaés, pegaram a condução e chegaram à fila enorme que lá havia, estavam distribuindo pães. Por estar em meio à multidão escrevendo em seu caderno Carolina chamou a atenção de Zuza, o responsável pela distribuição de pães e por contratar músicos para a festa, mesmo não gostando dele ela o bajulou, o que a fez ganhar mais de um pão, voltou para casa vendo muitas pessoas que se deslocaram até a festa sem receber nem ao menos um pão, a noite recém casados foram distribuir sanduíches que sobraram de seu casamento na favela, mas tiveram seu carro invadido e decidiram jogar o restante no lixo.

No dia 23 Carolina foi ao açougue para comprar carne e refletiu sobre as diferenças entre os animais e o homem, ao chegar em casa viu seus filhos contando sobre as brigas que ocorreram na favela, decidiu deitar-se. Dia 24 voltou para o Canindé e Vera lhe contou que houve novas brigas, depois reclamou dos “maus

elementos” existentes entre os favelizados que, inclusive, roubaram-lhe um caibro de madeira para fazer uma fogueira, ao sentar-se perto da fogueira presenciou outra briga de casais.

Fez café, dia 25, mandou os filhos para a escola, colocou feijão cozinhar, pegou a filha e foi procurar papéis, encontrou poucos já que outra pessoa também começará a catar em sua região de coleta. Foi para a fábrica e pegou alguns tomates, mesmo sendo repreendida pelo gerente, utilizou-os em uma salada, saiu de casa por estar acontecendo mais uma briga, desta vez entre duas mulheres, onde uma acabou com suas roupas rasgadas na frente de todos, inclusive das crianças que, tão habituadas a presenciarem mulheres nuas, começaram a indagar Carolina sobre as diferenças dos corpos das mulheres.

Observou Leila ser trazida para casa inconsciente após ingerir bebidas alcoólicas, dia 27, o que a fez falar sobre a facilidade em que é oferecida bebida para as pessoas, ao em vez de alimento, e como os problemas trazidos pela bebida afetariam sua vida e de seus filhos, fazendo com que ela prefira gastar seu dinheiro em livros e não em álcool. Dia 28, buscou água e arrumou o barracão enquanto os demais participavam de uma corrida com premiações, depois foi para a festa da corrida e bebeu dois copos de quentão, ficou animada, ao perceber isso decidiu recolher-se.

Já dia 29 a autora ganhou dois quilos de macarrão da igreja, juntamente com algumas balas e biscoitos, conseguiu comprar sanduíches para seus filhos e retornou ao Canindé, estava acontecendo uma corrida de mulheres, também com premiações, não participou, mas observou reclamações das que não ganharam. Passado um tempo, falou dos nortistas que, ao seu ver, estavam superlotando e tumultuando a favela, ocasionando em mais atritos entre casais e entre vizinhos, relatou a violência policial sofrida na favela por um soldado que utilizava sua arma desnecessariamente.

No último dia do mês, Carolina fez café, buscou água e saiu ao ouvir outra briga. Primeiro de julho, reconheceu o fato de que os favelizados se esquivam dela porque não querem ser retratados em seu diário, a autora não se importou, pegou tomates da fábrica, falou de política, ouviu vizinhos reclamarem de José Carlos e deixou de gostar de uma de suas vizinhas que jogou água em seu filho.

4.1.4. Julho de 1958 - “[...] Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade [...] está enferma. Com suas úlceras. As favelas.”⁵

Dia 03 ouviu vizinhos brigando mais uma vez com José Carlos, não entendendo como adultos podem ser tão rudes com crianças, comentou do falecimento de uma criança. Passado mais um dia, ganhou carne com batatas, algumas panelas de alumínio e um pouco de papel para vender, lavou as roupas e falou dos horrores que acontecem na favela, da vez em que chegou em casa e encontrou seu filho coberto de excrementos que haviam-lhe jogado enquanto ela estava catando papel. Dia 06 acordou por volta das 04 horas, esquentou o arroz e peixe que havia sobrado, buscou lenha, lavou roupas, depois foi ver o filme que representantes da igreja passaram na favela como parte da catequização das crianças.

No dia seguinte Carolina ganhou pães, passou na fábrica para procurar tomates, mas achou lenha que não pôde pegar porque um homem o ameaçou bater, saiu para comprar óleo e linguiça e vendeu ferros enquanto procurava por seus filhos. Teve de ir para a cidade para trocar o título de eleitor, lugar que a fascinava, como pode ser observado no seguinte trecho, “[...] aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade [...] está enferma. Com suas úlceras. As favelas.” (Jesus, 2020, p.85), sempre ressaltando os problemas da favela.

Não acordou bem dia 08 por causa das brigas na rua e decidiu escrever, a mais tardar mandou o filho comprar queijo, falou das madeiras que ganhou e que iria transformar em um quarto para escrever e guardar seus diários, saiu para procurar papel, mas pouco encontrou. No caminho para a favela, ganhou alguns doces, chegou ao barracão e esquentou a janta, relatou que o motivo da briga durante a noite teria sido culpa de Leila, comprou sapatos para o José Carlos, voltou ao Canindé, pegou uma carrocinha emprestada e foi buscar as madeiras, ao chegar com as tábuas recebeu a notícia de que João tentou abusar de uma criança de dois anos, levou-o então ao juizado para tentar interná-lo, mas teve que voltar outro dia, ficando abalada com toda a situação.

Carolina continuou nervosa, dia 09, revelando a sua tristeza em ter engravidado, quando se preparava para sair encontrou dois meninos que fugiram do

⁵ (Jesus, 2020, p. 85).

juizado, lhes deu algumas roupas e ouviu sobre as condições inumanas as quais foram submetidos enquanto estavam internados, passando fome e apanhando, decidiu então não mandar João para lá. Saiu para catar papel, deixando o filho trancado em casa, quando voltou ainda estava deprimida e recebeu a notícia que outro conhecido havia falecido por falta de recursos, ficou mais entristecida, ganhou um prato de sopa e foi escrever ouvindo as brigas da rua.

No outro dia acordou cedo, continuou angustiada, buscou água e se obrigou a sair para catar papel porque não tinha o que dar para os filhos comerem, deixou João estudando, conseguiu pouco dinheiro e passou na feira comprar batata doce e peixe. Dia 11 acordou cedo, cansada por não conseguir dormir direito pela umidade e pelo barulho, foi buscar água, mas já tinha se formado uma fila de mulheres que queriam usar a torneira, depois de conseguir pegar água e retornar com dores nas pernas, escreveu seus sentimentos “[...] A minha enfermidade é física e moral.” (Jesus, 2020, p. 91), mostrando a decadência da sua saúde emocional após o ocorrido com seu filho.

No dia 12 ganhou ossos no frigorífico e pegou tomates, comprou alguns pães doces para João e Vera e querosene, retornou para o barracão com frio e doente, ainda mantendo João lá dentro, fez sopa de ossos. Dia 13 já adoecida fisicamente junto de Vera, a autora deu remédio a sua filha e esperou José Carlos voltar para casa para conseguir tomar o seu medicamento porque não conseguia levantar-se, estava com febre e logo adormeceu, acordou novamente apenas durante a madrugada, com os barulhos de uma briga.

Passado mais um dia doente, não conseguiu procurar papel, estava sem dinheiro, mandou José vender alguns ferros que tinha em casa, comprou pães de sal, de açúcar e remédio, saindo da cama apenas para preparar as refeições. Dia 15, aniversário de Vera, Carolina só tinha comida para fazer o jantar, sem alimento o suficiente para duas refeições, deixando o almoço à parte, saiu para catar papel com os filhos, optando em não deixar João sozinho na favela, comprou pão na mercearia e bucho de vaca de um comerciante português que passava por lá.

Carolina não encontrou papel, dia 16, foi ao frigorífico e no lixo separou algumas linguças descartadas para ter o que cozinhar, já que estava doente e não conseguiu trabalhar. No dia 17 não dormiu porque houve briga, levantou, buscou água e saiu para catar papel. Dia 19 foi pegar bolacha na empresa, mas não dera, vendeu

ferros e comprou feijão e um rim, pegou alfaces desgastadas na feira, não lavou roupas porque não havia sabão, então foi ler e escrever, enquanto aconteciam mais brigas.

No dia seguinte a autora planejava passa o dia todo escrevendo, mas primeiro recebeu um convite para buscar agasalhos dia 23, depois chegaram as pessoas que Carolina havia pedido para construir uma cerca, em uma tentativa de parar de ser incomodada pelos nortistas, a mais tardar houve briga e ela teve que ir chamar a rádio patrulha. Dia 21 saiu para procurar papéis e ferros, quando chegaram aconteceram mais brigas. Acordou cedo, dia 23, estava cansada, esquentou a comida e saiu com os filhos para buscar os agasalhos que iriam doar.

Chegado dia 24 a autora revela tendências suicidas em razão da fome, cozinhou feijão, saiu para catar papel com os filhos, ganhou arroz e macarrão, vendeu algumas garrafas que tinha ganhado e com o valor arrecadado conseguiu comprar pães e café, fez o almoço e lavou roupas. Dois dias depois, lavou suas roupas, mandou João vender alguns ferros e foi procurar papéis, ao passar pelo frigorífico pegou algumas linguças do lixo, na volta pra casa cruzou com José Carlos que ia para a feira pegar verduras descartadas, a mais tardar as crianças tiveram aula de catequese.

Esquentou comida dia 27, depois foi escrever, enquanto se acomodava notou que estava acontecendo alguma briga. Mais uma vez exprimiu sua amargura com a vida no relato do dia 28, relatando sua vontade de se suicidar por conta da pobreza. No dia 31, pegou água, instruiu José Carlos a ir comprar açúcar, ansiosa saiu em busca de papéis, mas pouco encontrou, reprovou o comportamento da mulher que atendia no depósito de papel, porque lhe dirigia comentários ofensivos, falou da sua tristeza.

4.1.5. Agosto de 1958 - “Parece que trocaram as peças do meu corpo. Só a minha alma está triste.”⁶

No segundo dia de agosto, mandou os filhos para a escola, foi catar papel e passou no frigorífico para pegar ossos. Ao terceiro dia do mês, Carolina descreveu a alimentação de sua família, pão duro e feijão com farinha, comentou que estava

⁶ (Jesus, 2020, p. 115).

passando frio, ao mesmo tempo em que agradeceu por não estarem passando fome, visitou uma conhecida que estava cozinhando, ficou extasiada ao ver tanta comida sendo feita em uma mesma refeição, ganhou polenta com frango, algo que não comia a anos, voltou para o Canindé e Leila estava brigando. No outro dia fez café para os filhos e parabenizou José Carlos, porque era só isso que podia lhe dar.

Acordou cedo dia 07, relatou que mal dormiu porque estava faminta, foi a pé para a cidade com seus filhos, enquanto percorria o caminho ficava catando ferros. Dia 08, a autora saiu de casa, leu alguns jornais na banca e viu que a polícia estava procurando por um homem favelizado, novamente ela fala sobre como as favelas deturpam as pessoas, lavou roupas enquanto ouvia mulheres discutindo qual religião seria a certa. Passado mais um dia, acordou enfurecida porque era sábado e só tinha feijão e sal, saiu para juntar papel.

Carolina teve de ir socorrer seus filhos quando ouviu seus gritos, dia 11, ao chegar no barracão viu que estavam apanhando de um menino de 9 anos que estava bêbado. Mandou João entregar um bilhete no circo dia 12, pois desejava ser contratada para cantar, lavou roupa, e enquanto cozinhava o arroz, ficou sabendo que um vizinho atirou no outro, foi para lá. Dois dias depois, estava nervosa, já que o feriado se aproximava e ela estava com pouco dinheiro, foi até um prédio que lhe mandaram buscar papel, expressou desconforto ao andar de elevador e pelos olhares que recebia, mas ganhou um saco de papel, vendeu e exalou cansaço pela vida.

No dia 16 carregou sacos pesados de papel, um operário lhe perguntou se era escritora e pediu-lhe para escrever para o povo adotar outro regime, já que o capitalismo tortura as classes mais baixas. Dois dias depois, saiu apressada em busca de papel junto com Vera, recolheu também ferros e latas que precisou levar em um carrinho para vender ao depósito, conseguiu uma boa quantia de dinheiro e comprou guaraná e bananas, chegou a favela e teve de levar João extrair um dente, houve briga na favela. Passados mais dois dias, estava triste, catou papel, passou na fábrica pegar tomates, depois saiu e comprou arroz.

Já no dia 22, foi pegar água, mas já tinha fila, trocou um litro e quatro cruzeiros por um pão, mandou os filhos para a escola, catou estopas para vender e saiu para entregar papel no depósito. Passado outro dia, Carolina saiu com as crianças, foi ao frigorífico pegar ossos, os seus filhos ganharam salsichas, com o valor do papel que

vendeu comprou sanduíches para eles, lavou a louça, organizou o barracão, escreveu e foi dormir, mas era constantemente acordada pelas pulgas.

Não estava bem dia 26, esquentou a comida e se deitou, ao acordar saiu conversar sobre sua tristeza com uma conhecida. Ganhou jornais dia 27 e pegou alguns tomates na fábrica. Dia 28, fez o café, mandou João comprar pães, arrumou os filhos para a escola e foi buscar água. Recebeu ossos do frigorífico dia 30, comprou óleo, querosene e tinta para escrever, foi assediada por um homem.

4.1.6. Setembro de 1958 - “Ontem comemos mal. E hoje pior.”⁷

No segundo dia de setembro estava irritada com a coleta de lixo da cidade que passou a levar os papéis e os ferros para o lixão, decidiu então catar latas para vender, ganhou ossos no frigorífico e fez sopa, ficou escrevendo depois de ver o desenho que a igreja passou na favela e foi dormir. No dia 08 Carolina estava feliz e escreveu uma das canções que tinha composto. Dia 09 estava chovendo e ela fez sopa de feijão e arroz. Pulando para o dia 14 a autora fala da escravidão que os negros enfrentam pela cor da pele. Passados quatro dias menciona estar aprendendo a viver calma, mantendo-se feliz, mas atrela o fato a não estar passando fome a alguns dias.

No outro dia comenta que o frigorífico deixou de jogar as carnes podres no lixo para evitar que os favelizados consumam. No dia 20 foi à mercearia comprar açúcar, feijão e ovos, gerando um debate sobre preconceito racial com outra cliente que gastou a mesma quantia que ela. Custou dormir no dia 25, expressou seu descontentamento com Audálio Dantas que estava revisando seus diários, o que a deixou inquieta, recebeu uma intimação do gabinete de investigação para levar João até lá no dia seguinte devido a tentativa de abuso infligida anteriormente. Já dia 26, fez o almoço, arrumou os filhos e foram para o gabinete de investigação, em que João foi interrogado acerca de seus atos, Carolina desaprovou o linguajar utilizado durante o interrogatório, comparando-o ao da favela.

⁷ (Jesus, 2020, p. 120).

4.1.7. Outubro de 1958 - “Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome.”⁸

Foi votar no dia 03 e no dia 04 estava contente por ter lixo para vender, mesmo estando meio indisposta, ganhou ossos no frigorífico. Fez seus trabalhos dia 17, ao findá-los, saiu para a casa de uma conhecida que lhe deu uma cama, saiu para vender a cama em um estabelecimento que comprava móveis usados e conseguiu pouco dinheiro, ficou insatisfeito, mas estava cansada. No dia 24 ordenou que José Carlos fosse comprar pão, depois fez uma sopa de lentilha com arroz e carne. Carolina não dormiu dia 29, estava chovendo e o barraco tinha muitas goteiras, além de não poder sair para catar papel. No outro dia saiu com sua filha e ganhou alguns papéis. Passado mais um dia, buscou água, saiu em busca de papel enquanto Vera ia ao frigorífico, ao retornar esquentou a pouca comida que havia, todos ficaram com fome e a autora se entristeceu.

4.1.8. Novembro de 1958 - “Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome.”⁹

Em primeiro de novembro, levou um saco de farinha de milho que encontrou no lixo para o porco que estava criando, não foi catar papel porque alguém já tinha pegado os papéis da rota que ela fazia, leu os jornais e junto ao restante da população se revoltou com o preço do custo de vida. No segundo dia do mês, lavou roupa, fez almoço, comeu pouco e sozinha, ficou sabendo que iam extinguir a favela para construir uma avenida. No dia 03 saiu procurar ferros, pediu a um guarda para cuidar de algumas latas que ela havia deixado por perto, quando voltou começaram a falar do aumento dos produtos e da desvalorização do trabalho, foi para casa, deu banho nas crianças, lavou roupa, foi escrever e resolveu se deitar. Passado outro dia, saiu pegar papel, chegou cansada, não encontrou os filhos em casa e João não tinha colocado o feijão para cozinhar, quando ele chegou lhe deu uma surra e disse que a causa da desatenção eram os gibis.

Dia 05 teve que vender um de seus livros para comprar passagem de ônibus, ganhou sopa, pão e café de uma conhecida que lhe convidou para trabalhar na sua

⁸ (Jesus, 2020, p. 129).

⁹ (Jesus, 2020, p. 134).

casa, durante a noite cozinhou sopa para o jantar. Foi trabalhar na casa da Dona Julita, a conhecida, dia 06, ganhou café, ao terminar o trabalho ganhou sabão, queijo, gordura e arroz. Passados dois dias comprou arroz, feijão, açúcar e sabão, ganhou um guarda-roupas velho e um colchão, sofreu para levar os itens até o barracão, Manoel foi visitá-la, mas ela estava brava porque fazia dias que ele não aparecia. Dia 09 fez o almoço e lavou roupas. Passando para o dia 17, falou de jovens que se prostituíram ao em vez de trabalhar, contou que estava triste e das brigas que vinham ocorrendo, das mulheres semi-nuas que expunham precocemente o mundo sexual às crianças.

A autora relatou que uma das filhas de Leila havia falecido e mesmo assim outras mulheres começaram a brigar, dia 21, não respeitando nem o luto. No dia 23 vendeu alguns ferros e ligou para o jornal Folhas a fim de denunciar as famílias de ciganos que começaram a residir na favela, visto que estes estavam afetando a vida dos favelizados, evidenciando ainda mais o preconceito da autora com pessoas de fora. Quatro dias depois a autora, contente, falou da alfabetização de seus filhos. No outro dia foi pegar água e se encontrou com uma menina que falava que estava grávida do próprio pai.

4.1.9. Dezembro de 1958 - “Nós já estamos predestinados a morrer de fome!”¹⁰

Entristeceu-se dia 06 ao saber que uma das crianças da favela de doze anos foi alcoolizada para a escola. Dia 11 ouvir as lamentações de outra mulher sobre a situação constante de pobreza e pessimista lhe disse, “Nós já estamos predestinados a morrer de fome!” (Jesus, 2020, p. 142). Presenciou uma cena de sexo dia 16 e ficou indignada. Dois dias depois, enquanto escrevia, uma de suas vizinhas perguntou a Carolina se estaria presente na narrativa de seu livro, a autora respondeu afirmativamente, mas não a deixou ler. Estava doente e sem comida dia 19, mandou João sair vender alguns ferros e estopas, melhorou um pouco, não o suficiente para trabalhar.

Carolina estava bem dia 24 conseguiu juntar uma boa quantidade de papéis, voltou e arrumou os filhos para ir buscar doações de natal distribuídas pelo Centro Espírita Divino Mestre, receberam roupas e de alimentos batatas, chá-mate, arroz e

¹⁰ (Jesus, 2020, p. 142).

feijão. No natal de 1958, João passou mal e ela soube que tinha sido pela melancia estragada que ele ingeriu após um caminhão jogar grandes quantidades da fruta no Canindé. Dia 27 recebeu a visita de um homem que conheceu durante as eleições, ficou com vergonha da situação do barracão ao mesmo tempo que se entendia como parte das coisas despejadas na favela.

Durante a arrumação do barracão dia 28, a autora ficou contente ao encontrar morto o rato que estragou seus livros, agradeceu a gata do vizinho por matá-lo. No dia seguinte, saiu com as três crianças e foi avisada sobre alguns sacos de papel que poderia buscar às margens do rio, no entanto o conteúdo dos sacos não era papel e sim arroz estragado, deixando Carolina amargurada com a crueldade humana. Um dia antes da virada do ano relatou a perseguição que João e José Carlos, juntos de outros meninos, sofreram depois que a bola que eles jogavam caiu no quintal de uma vizinha, eles se desentenderam, e ela saiu atrás deles armada, falou também da aproximação dela com um cigano.

4.1.10. Janeiro de 1959 - “Antigamente eu cantava. Agora deixei de cantar, porque a alegria afastou-se para dar lugar a tristeza que envelhece o coração.”¹¹

Estava cabisbaixa, dia primeiro de janeiro de 1959, por não ter o que comer, mas manteve seu ritual, pegou água e lavou roupas, não cozinhou no almoço, durante a tarde fez feijão com macarrão. Dia 04 manteve-se triste e contou que deixou de cantar, já que na sua vida não havia espaço para a alegria. No outro dia, como choveu, não conseguiu conter as goteiras do teto de papelão do barracão. No dia 06 acordou, buscou água, escreveu e foi chamada para ir ao barracão do cigano, lá ele disse que iria voltar ao Rio de Janeiro que lá ganharia melhor, saiu comprar café, sabão e arroz, foi ao frigorífico comprar gordura e carne, mas a atendente não quis lhe vender, Carolina ficou brava.

Estava feliz por poder cozinhar arroz, feijão e ovos fritos, dia 07, novamente comentado sobre as riquezas produtivas do Brasil que não chegam a toda população pelo alto custo. Passado mais um dia, foi assediada por um motorista que passava na favela para despejar serragem, voltou para o barracão e foi cozinhar. Dois dias depois Manoel a visitou querendo saber se ela mantinha contato com o cigano, ao afirmar,

¹¹ (Jesus, 2020. p. 150).

ele lhe disse que não a procuraria mais. Estava inquieta dia 11, comentou estar apaixonada pelo cigano, revelando seu nome, Raimundo, revelou até mesmo estar ficando próxima de seus filhos.

Enquanto Carolina, seus filhos e as crianças de Raimundo estavam jantando, ele apareceu para buscá-las, contou que iria para antiga casa e que, se o Canindé acabasse, ela podia lhe procurar, fez o mesmo convite a uma vizinha que estava no barracão pedindo feijão emprestado a autora, Carolina ficou enciumada com a atitude. Dois dias depois se despediu de Raimundo que iria partir para Volta Redonda. Manoel foi visitá-la dia 15, deixando-a contente, que ficou mais feliz ainda com o valor que conseguiu arrecadar, possibilitando a compra de carne.

No dia 16 recebeu a devolutiva dos escritos que havia enviado para um revista norte-americana que não quis publicar seus diários, ficou entristecida e foi visitar Raimundo que estava sempre acompanhando uma menina de 14 anos, Carolina desaprova mentalmente a situação, passado um tempo ele mostrou seu revólver a João, indo contra os ideais da autora. A mais tardar voltou para sua residência e Raimundo foi atrás pedindo-lhe para ir junto com ele para Volta Redonda, ela não quis e ele foi atrás da menina, alegando ser sua irmã, Carolina não acreditou e queria denunciá-lo por seduzir menores de idade. Passou mal e teve de ser cuidada pelos seus três filhos, dia 20, eles acharam que Carolina iria morrer, José foi a feira procurar alguns alimentos, voltou com milho, tomates e berinjela, ao se alimentar a autora melhorou e acalmou as crianças falando que não iria morrer, Manoel foi vê-la.

4.1.11. Fevereiro de 1959 - “Tenho de dizer que eu não escrevi nos dias que decorreram porque eu fiquei doente.”¹²

Passou indisposta por causa da doença até o dia 03, mas recebeu auxílio financeiro de Manoel. Mesmo estando feliz, dia 15 houve briga na favela envolvendo Leila e outro homem que queria bater nela, além disso se desentendeu com o responsável pelas cobranças da energia dos barracos. No dia 16 houve outra briga envolvendo homens.

¹² (Jesus, 2020, p. 159).

4.1.12. Abril e Maio de 1959 - “Mas, se os pobres do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, não ficaria nenhum vivo.”¹³

Carolina só retorna a escrever dia 29, apresentando-se mais uma vez de forma pessimista em relação a vida, um conhecido havia se suicidado e ela escreveu sobre sua falta de coragem para realizar tal ato, preferindo comer alimentos do lixo a se matar. No dia 05 escreveu, buscou água e se preparou para matar o porco que estava criando para o irmão de Manoel, pensou nas comidas que poderia preparar com as partes do porco, ficou contente, quando as crianças chegaram em casa da escola ficaram felizes ao ver a carne de porco, para o jantar cozinhou arroz e carne.

No outro dia recebeu a visita de Audálio Dantas que a levou para sair, até mesmo comprou uma boneca para Vera, Carolina estava feliz que seus diários iriam sair na revista O Cruzeiro. Lavou as roupas dia 07, cozinhou arroz, feijão e carne para o almoço, se arrependeu de ter matado o porco na favela, não parava de aparecer vizinho lhe implorando por um pedaço de carne e de ter cães e gatos rondando seu barraco em busca de comida. Já dia 08 preparou arroz com lombo de porco, depois se preparou para ir ao juizado de menores com Vera para receber o dinheiro que o pai da menina devia pagar, mas não pagou. Ganhou de Dona Julita arroz e café dia 12, ficou com pena de uma catadora de papel que teve seus sacos roubados.

4.1.13. Julho de 1959 - “Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos.”¹⁴

Nos dias 01 e 02 não pode sair para trabalhar porque Vera e José Carlos estavam doentes, sua única opção foi vender ferros e estopas que tinha guardado. No dia 04 Manoel foi visitá-la, quando uma vizinha chegou à casa de Carolina ficou indignada por ver a relação dos dois, pela autora ser catadora e Manoel conseguir se sustentar e andar bem-vestido. No dia seguinte fez sopa de aveia e durante a noite houve briga no Canindé. Recebeu a notícia, dia 08, de que seus escritos iriam sair no jornal O Cruzeiro e que iriam publicar os diários.

Como Vera estava doente seu pai foi a favela dia 09 para vê-la, dando um pouco de dinheiro para João e José comprarem balas e outra quantia para Carolina,

¹³ (Jesus, 2020, p. 162).

¹⁴ (Jesus, 2020, p. 174).

após lhe agradecer por ocultar seu nome dos diários. No outro dia não saiu para trabalhar, resolveu ficar organizando o barraco que estava sujo, depois comprou a edição do jornal a qual saiu sua reportagem, estava radiante com a publicação, mesmo que tenha incomodado alguns dos moradores de lá, e foi receber a pensão de Vera. Após realizar as tarefas cotidianas, dia 11, durante a noite a autora recebeu a visita de uma jovem que a levou para a redação do Cruzeiro, lá foi alimentada e recebeu a notícia de que teria mais uma matéria sobre ela, desta vez no Diário da Noite.

Catou papel e foi reconhecida na rua, dia 13, voltou para sua residência e recebeu um convite de namoro de um de seus vizinhos, ficou desconcertada e se afastou. Após três dias, se via sem alimento e atordoada novamente, expressando sua vontade de se suicidar junto de seus filhos. No dia 19 Manoel lhe perguntou se havia recebido algum valor pelas manchetes, mas Carolina disse que isso só aconteceria após a publicação do livro. Mais três dias se passaram e estavam sem comida, ficou assustada ao ver seu próprio reflexo e confessou estar com medo de morrer de fome.

Já dia 25, Carolina se desentendeu com o responsável pela energia elétrica, Orlando, que a deixou sem eletricidade. Dois dias depois ele a xingou na rua. Acordou cedo dia 29 para poder pegar água sem que Orlando a visse, ficou sabendo que o que ela contava sobre ele para as demais mulheres, elas repassaram para ele. No próximo dia viu um homem tentando vender batatas murchas e brotadas, percebeu que ninguém compraria e notou que ele estava com fome, então esquentou macarrão, vísceras e torresmo para dar-lhe um pouco. Em primeiro de julho disse estar cansada da favela, desejando que o pai de sua filha, por ter boas condições financeiras, pudesse dar mais dinheiro por ela não ter divulgado sua identidade.

4.1.14. Julho de 1959 - “Segui pensando: Quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos.”¹⁵

Recebeu outra vez a visita do pai de Vera, dia 02, que deixou um pouco de dinheiro pros outros filhos e outra quantia para Carolina, dando a entender que era para a realização de atos sexuais, a autora constatou seu ódio por ser mulher.

¹⁵ (Jesus, 2020, p. 184)

Passando para o dia 06, ela foi pegar água, ouviu as conversas de suas vizinhas e enojou-se, ficou brava, voltou para casa nervosa, fez o almoço e foi escrever, falou sobre o desejo de morrer. José Carlos arremessou uma pedra na vidraça de uma fábrica, dia 11, o segurança de lá o ameaçou de levar para o juizado de menores, Carolina pegou o dinheiro que tinha e foi para lá.

No dia 12 a família de Carolina estava sem gordura, então ao cozinhar a carne e a linguiça extraiu a gordura para conseguir preparar o arroz e o feijão, com o restante do caldo advindo da carne temperou a salada. Para se alimentar dia 13 comprou carne e arroz, não sobrou dinheiro para a gordura. No aniversário de Vera, 15, pegou água e saiu para procurar papéis, como a coleta de lixo já havia passado tentou catar algumas estopas, passou mal e teve de pedir um pouco de café a uma conhecida, emagreceu 8 quilos, estava sem comida e fez peixe frito com polenta para se alimentarem, mesmo as crianças não gostando.

Passados três dias ficou sabendo que um menino que conhecia morreu nos fios de luz, depois encontrou bastante papel e catadores na rua. Houve outra briga com tentativa de feminicídio no dia 26. No final do mês, dia 31, Carolina deixou os sacos de papel na rua e entrou no estabelecimento para comprar carne e arroz, Vera colocou a carne junto aos sacos e um cachorro pegou, a autora se enfureceu e ao chegar em casa comunicou os filhos que não teria o que cozinhar.

4.1.15. Agosto de 1959 - “A pior coisa do mundo é a fome!”¹⁶

Já dia 04, parecia estar deprimida, fez café e pediu a João para ir comprar pão, estava chovendo. No aniversário de José Carlos, 06 de agosto, conseguiu juntar papel, achou sapatos no lixo e vendeu, pode comprar carne e ter o que comer. No dia seguinte, mesmo tendo juntado dois sacos de papel, o valor que conseguiu foi pouco, teve que tentar vender estopas para conseguir mais dinheiro, recebeu a visita de uma conhecida que lhe deu uma quantia generosa de dinheiro, ficou feliz. Quase no meio do mês, dia 12, Carolina foi receber o valor destinado a Vera, teve de pedir dinheiro emprestado para pegar ônibus e depois foi na chuva, ao chegar lá o dinheiro não tinha sido depositado.

¹⁶ (Jesus, 2020, p. 191).

No outro dia estava enfurecida e triste, conseguiu pouco dinheiro com os papéis e com as estopas, acabou seus encontros com Manoel, preferindo ficar sozinha com seus filhos. Escreveu muito dia 16, estava contente, mas também lavou todas as roupas que estavam sujas, contou de uma festa que teria na favela. Dez dias depois escreveu sobre seu maior suplício, “A pior coisa do mundo é a fome!” (Jesus, 2020, p. 191).

4.1.16. Dezembro de 1959 e Janeiro de 1960 - “Levantei as 5 horas e fui carregar água”¹⁷

Deu uma pausa em seus escritos até dia 31 de dezembro, quando acordou cedo, buscou água, acordou os filhos para tomarem café e irem juntos catar papel, após terminarem o trabalho foi comprar sabão, querosene, açúcar e arroz, escreveu até adormecer e só acordou com o barulho da virada do ano, desejou que 1960 fosse menos cruel do que o ano que passou. Dia primeiro Carolina seguiu a sua sina, levantou e buscou água.

Assim encerram os escritos dos diários de Carolina publicados na edição, passando para a parte final do livro, um breve capítulo sobre as informações gerais da vida da autora, distribuído nas quatro últimas páginas. Neste capítulo estão dispostas informações como um parâmetro geral da vida da autora, naturalidade, data de falecimento, entre outros, e respostas da própria a perguntas feitas sobre a obra, a importância da literatura em sua vida, os sentimentos gerados ao ver o livro impresso e outros comentários feitos por ela ao falar de seu livro, do interesse pela literatura e pela revolta a situação da pobreza no Brasil.

4.2. GEOGRAFIA DA FOME - O DILEMA BRASILEIRO: PÃO OU AÇO

Antes de se passar diretamente ao fichamento em formato resumo da obra “*Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: pão ou aço*”, do médico, geógrafo e professor Josué de Castro. Cabe ressaltar que a edição aqui utilizada diz respeito a edição do ano de 2022, da editora Todavia, figura 05. Esta edição em específico conta com 13 tópicos subdivididos em três momentos, um primeiro momento de apresentação contendo, respectivamente, uma apresentação sobre a fome no Brasil

¹⁷ (Jesus, 2020, p. 191).

escrita por Silvio Almeida, um prefácio escrito na primeira edição do livro pelo próprio Josué de Castro, uma breve apresentação do autor e da obra realizada por Milton Santos. Em um segundo momento, contém de fato a obra do autor em seis capítulos, a introdução, as quatro áreas de estudos do Brasil e o estudo do conjunto brasileiro, o terceiro momento, o de encerramento, está distribuído em notas, referências bibliográficas, glossário e índice remissivo, configurando-se como livro acadêmico-científico.

Figura 05 - Capa da edição de “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: pão ou aço” utilizada no trabalho,



Fonte: Amazon, s.d.

Quanto ao prefácio deixado pelo autor, Josué apresenta os parâmetros gerais que circundam sua obra e a motivação que o impulsionou a escrevê-la, evidenciando, já de início, a escassez de trabalhos publicados que estudam a fome, indagando as razões que estão por trás desta insuficiência de trabalhos, mesmo que se tratando de um fenômeno mundial, razões estas que estão ligadas as noções culturais, políticas e econômicas da civilização que coloram a fome em um patamar de tabu. Para mais, expõem também que com a evolução social ocorrida até a época da formulação do livro, em 1946, já havia se tornado possível realizar estudos nutricionais de forma

científica, o que se mostrou através da Conferência Alimentar de *Hot Springs* de 1943, que reuniu 44 países e os levou a tratar sobre temas como a fome e subnutrição populacional.

Com isso, Josué direcionou a pesquisa de seu livro para os hábitos alimentares das populações e suas determinadas áreas geográficas, para assim tentar evidenciar as razões naturais e sociais que influenciam na alimentação destas pessoas, bem como apresentar a forma que se dá a carência nutricional, para que, assim, possa expor como estas necessidades induzem a estrutura econômico-social nestas áreas. Ademais, é deixado claro que o objeto central do estudo diz respeito à fome coletiva, endêmica ou epidêmica, e não a fome individual, expressando como se dá o fenômeno da fome e suas características para cada região geográfica delimitada pelo autor.

4.2.1. Fichamento

Ao introduzir efetivamente seu livro, o autor remete ao imaginário populacional quando se fala da fome, em que se vislumbra áreas específicas como a chinesa e a indiana, ou até mesmo partes européias atingidas pelo exército nazista, levando em conta o período de produção do livro. No entanto, como o próprio Josué destaca, “(A fome) é um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome.” (Castro, 2022, p.42).

Fenômeno que fica evidente em todos os continentes conforme a globalização avança, tanto no Norte do continente americano, com todo o seu desenvolvimento capitalista, quanto na América Latina, pobre e colonizada. Continuando a existir dentro do contexto atual, independentemente da localização, impulsionado pela Era da Globalização, a qual é desencadeada pelo capitalismo, promovendo desigualdades progressivamente maiores entre as classes sociais.

Voltando-se a perspectiva brasileira, que é tido como o objeto central do livro, tem-se um Brasil dividido em cinco diferentes regiões alimentares, com suas características unas de alimentação, a Área da Amazônia (I), Área da mata do Nordeste (II), Área do Sertão do Nordeste (III), Área do Centro-Oeste (IV) e Área do Extremo Sul (V), das quais três são regiões de fome crônica, áreas I, III e III, e as outras duas são áreas de subnutrição, IV e V. Ressaltando que as áreas da fome são

aquelas em que as populações sofrem com deficiências alimentares, carências nutritivas, denominadas também como áreas de fome endêmica, quando permanente, ou áreas de epidemia de fome, quando temporária.

4.2.2. Área Amazônica

Após esta explicação geral, chega-se a primeira área alimentar estudada, a Área Amazônica, a qual tem sua população esparsa com poucos núcleos de concentração populacional, oprimidos e sustentados pela floresta, visto que sua alimentação e economia se dão através dela, com a coleta, caça e pesca e com a extração do látex.

O regime alimentar tem sua base na farinha de mandioca, característica herdada culturalmente da população indígena, mas também havendo, periodicamente, o consumo de pescados, ocasionando em deficiências proteicas, em razão da criação porcos, galinhas e gado ser inviável em grande parte do território em decorrência das áreas de mata fechada, da incapacidade da abertura de áreas de pasto e das doenças acarretadas pelos insetos e pela umidade, tornando a carne, os ovos e os derivados de leite escassos e quase inacessíveis, também pela dificuldade de transporte.

Além disso, verduras e legumes também se fazem corriqueiros no prato desta população, mas o consumo de frutas como o buriti e a castanha-do-pará é constante, favorecendo a absorção de vitaminas A e de gordura vegetal. De acordo com o autor se trata “[...] de uma população de apetite embotado, em estado de anorexia crônica, consequência natural da falta de vitaminas e de determinados aminoácidos no seu regime alimentar.” (Castro, 2022, p. 61). Dentre as principais carências minerais estão a falta de cloreto de sódio, acarretando pelo calor e pela umidade que aceleram o metabolismo e desencadeiam em uma produção de suor maior e também pela pobreza dos solos lateríticos, que desencadeia conjuntamente na falta de cálcio e ferro.

A falta de ferro dá espaço para uma situação de anemia; já que as plantas absorvem pequenas quantidades do mineral e o consumo de carne, rico em ferro, é quase inexistente, doença intensificada pelo aparecimento de verminoses parasitárias e pelo paludismo crônico. Os baixos níveis de cálcio, intensificado pela pobreza do

solo e pelo não consumo de derivados de leite, só não provocam raquitismo, pernas tortas, “tórax de pombo” e cabeças deformadas por causa da forte absorção de vitamina D que esta população, que é largamente exposta ao sol, possui segundo o autor. Quanto às carências vitamínicas destaca-se a falta de vitaminas do complexo B, que ocasionam problemas, principalmente, no sistema nervoso, originando quadros de beribéri, a carência de vitamina A, pela falta de gorduras animais, derivados de leite e de hortaliças verdes, desencadeando em um crescimento mais lento e menor.

Ao finalizar a Área Amazônica, Josué aponta que as condições alimentares ali existentes só poderiam ser aperfeiçoadas por meio da implementação de programas de transformações econômico-sociais, já que a Amazônia só poderia se desenvolver com um adensamento populacional e preenchimento das áreas desocupadas, mas sem alimentação correta isso não aconteceria. Os problemas principais evidenciados nesta região foram a produção naturalmente insuficiente de alimentos, o pouco tempo de conservação dos mesmos, em razão do clima e a insuficiência de meios de transporte populacionais e de produtos, questões que podem ser resolvidas, em partes, por uma reforma estrutural, que depende de um maior número de trabalhadores focados no desenvolvimento de uma agricultura regional que, além de promover uma alimentação asseguradas, também levaria a um equilíbrio econômico.

4.2.3. Área do Nordeste Açucareiro

Iniciando a segunda área, a Área do Nordeste Açucareiro, é constatado que ali tinha-se um solo rico e com horizontes bem formados, acrescido de chuvas em grande quantidade e recoberta pela floresta tropical. Apesar disso, a fome ali se deu pela exploração destas condições para a plantação intensiva da cana-de-açúcar iniciada pelos colonizadores.

A plantação desta única monocultura tão agressiva a capacidade produtiva do solo, por se tratar de uma planta que consome fertilidade do solo, desestruturando-o e favorecendo os processos de desagregação, também impacta na população ali residente, trabalhadores braçais explorados que, antes, era composta por escravizados. Esta alteração promovida pela monocultura da cana na paisagem nordestina, além de dar margem aos problemas de solo citados acima, também pode ser sentida no desmatamento irrestrito da floresta tropical, para a abertura de novas

lavouras de plantação, o que diminuiu consideravelmente a presença da fauna silvestre nativa, limitou a absorção de umidade do solo e fez com que os rios, antes inofensivos, passassem a empobrecer os solos e a carregar grandes porções de terra consigo.

Voltando-se propriamente a questão alimentar, o autor inicia pontuando os problemas alimentares de início já com os colonos portugueses que, por mais que tivessem uma alimentação farta e equilibrada, quando se deslocaram até aqui não conseguiram trazer seus costumes em decorrência do clima que impossibilitava a plantação de trigo, uma de suas bases alimentícias. Mesmo que durante a instalação destes colonizadores houvesse uma tentativa primitiva de produção policultora, isso logo se alterou com o valor econômico obtido através da cana-de-açúcar, o que fez com que os colonos adotassem uma alimentação monótona, substituindo o trigo pela mandioca, deixando a parte o consumo de frutas e verduras rotineiramente.

Diferentemente dos portugueses, os indígenas contribuíram de maneira favorável na implementação de hábitos alimentares que se formou na região, trazendo o consumo de batata doce, batata, do cará, da castanha-do-pará, do milho verde, e de vários outros alimentos que eram adaptados a área, em conjunto com o uso de pimentas e de molhos picantes. Além da contribuição dos indígenas, ressalta-se a colaboração dos negros que, raptados de sua terra e de seus costumes agrícolas, se viu obrigado a plantar pequenas parcelas de terra com mandioca, milho, batata-doce e feijão para tentar uma melhor alimentação enquanto eram explorados, introduzindo em conjunto as plantas de origem africana, que refletiram na característica culinária nordestina.

No entanto, em razão do baixo valor produtivo e da facilidade de cultivo, a alimentação de toda essa população era baseada na farinha de mandioca, em linhas gerais, uma alimentação monótona e de má qualidade, sua pouca variedade se restringia a farinha de mandioca, feijão, charque, café e açúcar, sem o consumo de ovos, legumes, verduras, frutas e de leite e derivados. Esse quadro faz com que a alimentação promova o excesso de hidrocarbonetos e de escassas proteínas, sendo sua maioria proteínas vegetais advindas do feijão, do milho e da farinha de mandioca, com pouquíssima proteína animal, tal carência de proteínas desencadeia em um crescimento lento dos seres humanos ali existentes, além de acarretar doenças como hidropisias.

As populações que mais sofrem da falta de proteínas são aquelas mais adentro do Nordeste, tendo em consideração que os residentes das faixas litorâneas possuem acesso a proteína animal por meio da pesca. Mas, ainda, além da melhora no consumo de proteínas, eles ainda se beneficiam de outros aspectos que o restante residente da região mais afastada não possui acesso, como do coco e do caju que possuem grande valor nutritivo.

Outro aspecto a se destacar da carência alimentar dessa região são as avitaminoses do complexo B, ou seja, a falta desta vitamina que desencadeia prisão de ventre, dispepsia, neurastenia, de vitamina B1 problemas digestivos e circulatórios expressos pela insônia, anorexia e constipação crônica, de vitamina B2 que aparece na forma de queilite, do ácido nicotínico (Vitamina B3) com casos esporádicos de dermatites, glossites, estomatites e síndromes diarreicas, e as raras avitaminoses do complexo A, que geram problemas respiratório, mas que são contidas devido o consumo do azeite de dendê e da pimenta. Havendo também a falta de minerais, principalmente de ferro, o que corrobora para o aparecimento de anemias alimentares, e a falta de cálcio que se torna evidente na arcada dentária dos indivíduos. O autor aborda ainda o fato desta área possuir um vasto quadro de desnutrição que podem ser notados desde os índices de mortalidade infantil que evidenciam um alto percentual de morte de crianças por problemas gastrointestinais em razão de uma alimentação pobre e, por vezes, contaminada.

Ao finalizar a área, Josué elenca os dez maiores problemas existentes da Área do Nordeste Açucareiro, sendo eles a frágil situação econômica-social da região, que faz com que grande parte dos problemas não possam ser sanados, já que também influência nas vulnerabilidades dos programas de assistência pública, e para que o nordeste se integre economicamente ao cenário brasileiro necessita-se de programas de distribuição de riquezas. Outros fatores que implicam nestes problemas são as secas que impactam economicamente por não dar margem a uma maior produtividade, além da subcapitalização e do subemprego, da monocultura da cana-de-açúcar, a falta de resultados duráveis de projetos de emergência, e a indústria e a agricultura que precisam de ajuda técnica e econômica para melhorar os índices produtivos, gerando um mercado consumidor e uma produção de menor despesas.

4.2.4. Área do Sertão Nordestino

Ao tratar da terceira região de fome endêmica, a Área do Sertão Nordestino, é apontado que, diferente das duas áreas já apontadas, esta não apresenta um quadro de fome contínuo, mas surtos esporádicos de fome extrema ocasionados pelas secas, que atingem toda a população que ali reside, pobres e ricos. Isso por se tratar de uma grande região de clima semiárido com chuvas dispersas que corroboram para o surgimento de erosões que desgastam o solo que, por já ser arenoso e raso, possui poucas quantidades de nutrientes e minerais, empobrecendo-o ainda mais. Ainda assim, existem pontos isolados, nas depressões e baixadas, com solo argiloso que consegue manter pequena quantidade de umidade e que são mais férteis.

No que tange a vegetação, esta, encontra-se dividida em três tipos: (1) o agreste, uma área de transição onde os rios não secam completamente dando espaço para a formação de florestas espinhentas e margem para o surgimento das demais que se aproximam de suas características; (2) a caatinga, com seu solo seco e pequenas faixas de vegetação de savana, mas na qual predominam as xerófitas; (3) e também o Alto Sertão, com o clima mais ameno e também com vegetação de savana. No entanto, independente destas categorizações, no que diz respeito à alimentação, o conjunto que forma a Área do Sertão Nordestino tem o milho como alimento base, geralmente combinado com demais alimentos típicos quando não assolados pela intensa seca.

Já, quando pegos pela escassez de água, este povo otimiza o uso da vegetação para matar sua sede e fome, usando as bromélias e umbuzeiros para extrair água, e também se utilizando da umidade presentes em cactáceas como as palmatórias, os mandacarus, os xiquexiques e os facheiros. Do acesso restrito a frutas, os umbuzeiros e os pequizeiros possuem destaque, juntamente com as quixabas e os juás que são frutos de segunda classe dos cactos, aproveitados geralmente em épocas de seca. E, assim como a flora, a fauna é restrita, não abarcando as necessidades alimentares, visto que os rios e açudes secam e não comportam espécies aquáticas, existindo também poucos animais terrestres que sirvam para o consumo, como tatus, coelhos-do-mato e preás, e muitas aves de rapina como gaviões e caracarás, mas o animal que se destaca por seu papel na alimentação humana é a abelha, por incrementar os alimentos por meio do mel.

Quanto a atividade que caracteriza a região, tem-se a pecuária, que começou a ser introduzida ainda pelos colonos portugueses e, por conta do perfil favorável da área a criação destes animais, se instalaram ali fazendas de criação de gado, cavalos e mulas, os últimos utilizados como meio de transporte, e assim esta atividade fez com que o Nordeste tivesse certa prosperidade econômica através da venda de bovinos. Outro animal que se destacou na criação foi a cabra que se adaptou muito bem ao clima e a vegetação, mesmo que se caracterizando como uma praga o desmatamento da vegetação rasteira, mas sendo também um excelente provedor de carne e leite, fornecendo boas quantidades de proteína e minerais quando consumido.

Sabendo-se destes aspectos, compete ainda falar sobre como se dá a alimentação desta população, com o milho são preparados pratos como canjicas, angu e cuscutz, na maioria de suas vezes são pratos em que o milho é acompanhado de leite favorecendo assim a absorção de aminoácidos na qual o milho é carente, isto também porque o leite, o queijo e a manteiga ficaram concentrados ao consumo local. Fora isso, a principal fonte de proteína do sertanejo é a própria carne, de vacas e carneiros, mas principalmente de cabras da qual são preparadas buchadas e paneladas, levando em consideração que ali o consumo e criação de galinhas é pouco desenvolvido, tanto a carne, quanto os ovos destes animais não estão presentes na dieta da região. Destaca-se ainda, mesmo que em menor quantidade, a ingestão de feijão, farinha, batata-doce, inhame, rapadura e café.

Além disso, o pouco consumo de frutas constitui um fator preocupante, visto que existem variedade frutíferas que podem ser adaptadas à realidade climática da área, no entanto, em razão de seu desenvolvimento lento e necessidade de água, o cultivo de árvores frutíferas não é de muita atenção, deixando assim a alimentação restrita a frutas silvestres como o umbu, pequi, quibá, cajarana e quixaba. Quanto à ingestão também escassa de verduras, há destaque para o consumo de abóbora, maxixe, cebolinha e coentro.

No que se refere aos aspectos nutritivos e de saúde, o sertanejo resiste a doenças infecciosas, como a tuberculose, fator ligado à boa quantidade de proteína presente na alimentação. Havendo também a ingestão de quantidades razoáveis de cálcio em virtude do consumo de leite de cabra e derivados, e da água calcária, o que faz com que a esta população não seja assolada por anemias ferroprivas, muito também em razão do consumo de feijão, rapadura e de carne. Possuindo grandes

quantias de vitamina A em sua dieta, em alimentos como leite, manteiga, milho e batata-doce, mas existindo um déficit de vitamina B, que não ocasiona no surgimento de surtos de beribéri por não estar associado ao desequilíbrio de glicídios, no entanto faz aparecer doenças como as boqueiras, atreladas a falta de vitamina B2.

As dificuldades quando se instalam durante os períodos de seca altera esse quadro geral de alimentos, obrigando que os seres humanos dali faça o consumo de iguarias incomuns. Da farinha de macambira, uma espécie de bromélia, extraem cálcio, com o xiquexique conseguem mascarar a fome momentaneamente, mesmo que este não apresente proteínas e vitaminas, da mucunã conseguem proteínas, cálcio e vitaminas B1, mesmo que esta tenha que passar por um extenso processo de preparo devido a crença popular de se tratar de um alimento tóxico, o que não é verdade. Da goma da carnaubeira conseguem uma fécula nutritiva, embebida em água, e da maniçoba fazem farinhas para mingau.

Durante as secas, os reflexos sentidos na população podem ser vistos no crescimento lento das crianças, pela falta de proteínas e, também, nos edemas que estufam as barrigas com hidropsia, passando um falso aspecto de saciedade. Problemas oftalmológicos também ocorrem com frequência, com destaque para infecções oculares e para a hemeralopia, desenvolvida pela falta de vitamina A, nas crianças também são observadas perturbações na visão e lesões orgânicas no aparelho protetor, dadas pela carência de vitamina B2. Além, é claro, dos desequilíbrios emocionais dos quais são acometidos não só os seres humanos, como os animais, que passam a agir apenas com o intuito de sobreviver.

Assim, para finalizar as explicações da área do Sertão Nordestino, Josué de Castro aponta medidas que deveriam ser tomadas para que o problema da fome da região pudesse ser contornado, evidenciando que a seca não é o único ponto a ser solucionado, mas também o desenvolvimento deste complexo regional subdesenvolvido preso a monocultura latifundiária, necessitando de uma profunda redistribuição de terras, de uma reforma agrária. Fator este que impactaria em outro ponto frágil, o desemprego que fortalece a situação de fome, gerando assim mais ocupações a população.

4.2.5. Áreas de Subnutrição: Centro e Sul

Ao falar das duas últimas regiões que são a Área do Centro-Oeste e a Área do Extremo Sul, respectivamente, áreas de subnutrição, Josué é conciso, não se aprofundando nas explicações, trazendo um panorama breve e direto sobre a causa central dessa má nutrição. Nessas zonas, a fome aparece como um fantasma que assombra a população marginalizada, em que as classes mais favorecidas não passam por carências e desequilíbrios alimentares, não sendo tão generalizadas como nas demais áreas apresentadas, um fenômeno econômico e social, não mais por influência natural, por falta de solos produtivos, áreas de plantio e clima favorável.

No Centro-Oeste que comporta os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, assim como no Sertão Nordestino, tem como alimento base o milho, em razão da boa correspondência produtiva da planta em relação ao solo, associado ao feijão, a carne e ao toucinho, estes últimos devido à grande capacidade de criação de porcos que traz um retorno econômico maior do que o do milho. Há também o cultivo de outras culturas, para mais do milho e do feijão, como do café, arroz, cana-de açúcar e pastagens. No entanto, dentro desta área o milho não é consumido com leite, ou preparado com óleos especiais, como o azeite de dendê, deixando a alimentação com baixos níveis de vitaminas.

Esse déficit é corrigido pelo consumo de vegetais, hortaliças e frutas, especialmente de couve, laranja, banana e abacate, juntamente com o uso de produtos como caldo de cana e melado, fazendo com que estas populações não sofram com escassez calórica. Fator associado com a ingestão de gordura suína e amido contido no milho, mas que acarreta a outros problemas como maiores taxas de diabetes e obesidade. Ademais, tem-se ali carências de vitaminas do complexo A, B e C notada apenas por profissionais da saúde, sem exibir traços marcados, afora o déficit de iodo causando doenças na tireóide.

Ainda sobre a falta de iodo, precisa-se aprofundar alguns aspectos em vista de suas complicações nos seres humanos, já que sem ele é impossível de se ter o devido funcionamento da glândula tireóide, a qual acarreta no crescimento da tireóide, conhecida também por bócio. A falta deste mineralóide pode ser explicada pela posição da área em questão, a qual está centralizada no país, afastada dos litorais, que tem em sua geologia, com a própria composição das rochas, e em seu clima, que

favorece processos erosivos e de remoção da camada superficial do solo, aspectos limitantes para uma maior composição de iodo.

Levando em consideração que, como apontado pelo autor, nessa área o fenômeno da fome está atrelada a posição da hierarquia social na qual se encontram os indivíduos, sabe-se que os povos indígenas são drasticamente desfavorecidos, sofrendo das doenças aqui citadas. Além destas, passam por maiores agravantes em sua saúde coletiva, sofrendo com doenças como verminoses e pelo contágio de malária, deixando-os ainda mais fragilizados em comparação com o restante da sociedade.

Quanto à última região abordada dentro do estudo brasileiro de Josué de Castro, a Área do Extremo Sul, com os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que será relacionada com o texto de Carolina Maria de Jesus. Esta possui como alimentos centrais a carne, o arroz, a batata e o pão, com uma vasta diversidade de frutas e verduras, sendo uma área expressivamente agrícola, de produções bem desenvolvidas, favorecida pelo clima e pelo potencial do solo, que propicia o plantio de variadas culturas, criando uma economia consolidada. Tais aspectos trouxeram consigo a possibilidade de uma alimentação heterogênea.

Onde a diversidade traz cenários, por exemplo, em que a alimentação em São Paulo possa ser pautada no trigo, este utilizado para a fabricação de pães e massas, sob a influência italiana, e na Região Sul embasada no consumo de carne, expressivamente no churrasco. No entanto, no Rio de Janeiro podem ser observadas carências nutricionais relacionadas à falta de ferro, cálcio e vitamina A, que corresponde aos baixos níveis de ingestão de leite, verduras, legumes verdes, cereais e frutas, não acessíveis às classes trabalhadoras.

Em São Paulo, a área de melhor alimentação do Brasil, que tem como fator principal o consumo de trigo, o qual possui bons níveis de proteínas, atrelado também a ingestão contínua de frutas e verduras, possui seus defeitos, os quais não são mencionados pelo autor. Santa Catarina segue o mesmo padrão, com uma alimentação estável e equilibrada. Já o Rio Grande do Sul, possui seus déficits nutritivos, os quais dão espaço para o surgimento de quadros de tuberculose.

Um dos destaques atestados por Josué ao finalizar o estudo dessa área é o quadro significativo de carência de proteínas nas crianças de baixa renda residentes

de grandes centros urbanos, principalmente nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Onde estes altos níveis de carência de proteínas estão associados a falta de recursos financeiros que os deixa à margem da insegurança alimentar, sem saber quando ou o quê terão para se alimentar, resultando em doenças como edemas ou até mesmo a síndrome de *kawaskiorkor*¹⁸.

4.2.6. Estudo do Conjunto Brasileiro

Por fim, o autor discute a questão da fome em todo o Brasil no tópico “Estudo do Conjunto Brasileiro”, abordando aspectos gerais de cada uma das cinco áreas brasileiras da fome, apontando seus causadores e propondo soluções que podem ser alcançadas para que esse fenômeno seja controlado. Segundo o próprio, o quadro da fome brasileira é o acumulado de uma sucessão de economias destrutivas, ciclo do pau-brasil, da cana-de-açúcar, da borracha, da industrialização, associadas ao caráter subdesenvolvido do país que propiciaram um desenvolvimento interno desigual, no qual as áreas menos favorecidas, de fome endêmica e de epidemia de fome, não tiveram suporte para tentar acompanhar o ritmo das demais, áreas de subnutrição.

O subdesenvolvimento do país, ocasionado por seu *status* de ex-colônia de Portugal, levou a uma busca desenfreada pelo enriquecimento e quando encontrada alguma fonte econômica significativa, *vide* os exemplos citados anteriormente, essa era explorada sem nenhum cuidado com os danos os quais poderiam ocasionar, ficando obsoleta, sem sequer passar por tentativas de revitalização. Assim, na visão de Josué, entende-se que tal situação se deu pela incapacidade do poder do Estado de agir como uma balança para atuar tanto nas necessidades coletivas, quanto da iniciativa privada.

Além disso, com a crescente industrialização, atual ciclo econômico brasileiro, o Estado despendeu ainda mais investimentos e incentivos para o setor industrial, fechando os olhos as áreas já exploradas e quase infrutíferas, como a Amazônia, na extração da borracha, e o Nordeste, com as grandes plantações de cana-de-açúcar que agrediram intensamente a produtividade do solo. Fatores estes que deixam a Região Amazônica e Nordestina sentenciadas à pobreza, sobrevivendo às custas da

¹⁸ Déficit de proteínas, desnutrição proteica.

ínfima quantidade de matérias-primas e produtos de base capazes de produzir, acarretando a uma dependência econômica para com a Região Centro-Oeste e Sul.

Essa disparidade é característica central da expressão do subdesenvolvimento, com manchas de desenvolvimento em meio a marcas de pobreza, que seria possível de ser solucionada equiparando os níveis de desenvolvimento entre todas as áreas e compartilhando as riquezas concentradas. O que pode ser feito, em partes, por meio do equilíbrio entre o desenvolvimento agrário e industrial, já que se deixa de investir na agricultura, não no agronegócio, para se centralizar na indústria, gerando baixos níveis de produção de alimentos que atingem um valor acentuado de mercado, inacessível as parcelas populacionais fragilizadas, as quais nem cogitam ter acesso a todos os alimentos protetores.

A solução para isso, como propõe o autor, é o alcance de um desenvolvimento econômico, tirando o país do “estágio” de subdesenvolvimento, o que se daria através da promoção de empregos e aumento da capacidade produtiva, diminuindo assim a pobreza generalizada, fornecendo possibilidade de trabalho e acesso a alimentos de base. O chamado dilema do pão ou aço que nomeia o livro, em que o aço representa a industrialização e o pão as necessidades sociais, equilibrando os investimentos e não privilegiando um, o aço, em detrimento do outro, o pão, dando uma certa ênfase às necessidades humanas que são marginalizadas, trazendo um desenvolvimento homogêneo.

Dessa forma, finalizando definitivamente seu livro, Josué propõe a única solução viável para a realidade brasileira capaz de sanar a fome nacional, a reforma agrária, capaz de fornecer à estrutura econômica um crescimento equilibrado entre as regiões. Mas para isso, assim como ocorreu ao se falar da fome, ao se tratar da reforma agrária é necessário antes de tudo desmistificar o processo e suas consequências, evidenciando seus benefícios. Além de expor algumas conclusões gerais, como o subdesenvolvimento do país estar completamente atrelado a estrutura agrária obsoleta, distribuída de forma desigual, com baixa produtividade gerando produtos inflacionados, sem interferência governamental, que está focada no desenvolvimento industrial, deixando os brasileiros dentro de um regime alimentício irregular, com avitaminoses e desnutrição, a expressão da fome.

4.3. DIÁRIO DA FOME: Quando a Literatura exprime a Geografia

Assim, após a apresentação dos dois primeiros resultados referentes aos fichamentos das obras centrais, resta dispor ainda o resultado final, o metatexto das novas ideias adquiridas. Juntamente com a parte escrita do metatexto que será exposta neste tópico haverá também uma nuvem de palavras dos alimentos mais citados por Carolina (2020) que auxiliará na construção do paralelo entre as obras, ressaltando que o metatexto não precisa, necessariamente, ser estruturado apenas por textos, podendo-se utilizar de outros recursos conjuntamente.

Dessa forma, cabe realizar o paralelo inicial, em sua trajetória em “Quarto de Despejo” (2020), Carolina retrata o cotidiano da fome em São Paulo, no atual Sudeste Brasileiro, que na obra de Josué de Castro (2022) é colocada como sendo pertencente ao Extremo Sul, junto aos estados de Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Partindo disso, vale retomar concisamente os principais pontos elencados por Castro (2022) ao caracterizar a alimentação da área.

O Extremo Sul não se comporta como uma região da fome, diferentemente da Área Amazônica, do Nordeste Açucareiro e do Sertão Nordeste, configurando-se como uma área de subnutrição simultaneamente com o Centro-Oeste. O que significa que nestas áreas a fome atinge um contingente inferior da população, o qual possui problemas nutricionais um tanto quanto mais apaziguados, de forma menos acentuada, restringindo-se às classes inferiores que não possuem poder econômico e capacidade aquisitiva, e não a grandes massas populacionais como nas demais regiões.

A alimentação nesta área tem como quatro principais gêneros alimentícios a carne, o pão, o arroz e a batata. Falando mais especificamente de São Paulo, Josué (2022) destaca que o estado possui padrões alimentares com menores problemas em comparação com os demais em razão da capacidade produtiva, desencadeando em um maior consumo de frutas, verduras e trigo, cereal o qual contém mais proteínas do que o milho e o arroz.

Outro aspecto alimentar do estado que se reflete nas grandes metrópoles tanto de São Paulo, quanto do Rio de Janeiro, é a falta de proteínas consumidas pelas crianças em situação de pobreza, que comumente as famílias não possuem poder aquisitivo para a compra de proteínas animal/vegetal. O que se expressa em altos

índices de edemas de fome nas crianças, constatados através dos hospitais públicos instalados nas proximidades dessas grandes massas desfavorecidas, como favelas e bairros operários.

Considerando estas informações, resta relacioná-las às vivências de Carolina (2020) expressas em seu livro. Para isso, elencou-se durante a leitura as menções a alimentos feitos pela autora em seus respectivos dias, melhor dizendo, mesmo que determinado alimento tenha sido citado mais de uma vez em um mesmo dia, este foi contabilizado apenas uma vez. Além de que foram considerados apenas os gêneros comprados, consumidos ou ganhados pela família, sem contabilizar as menções que terceiros ingeriram, desperdiçaram ou compraram.

Dessa forma, foram constatados 57 diferentes tipos de alimentos por ela citados dentro do consumo familiar. Os quais são: açúcar, alface, alho, arroz, aveia, balas, bananas, banha, batata doce, batata salsa¹⁹, batatas, berinjela, bife, biscoitos, bofe²⁰, bucho de vaca, cabeça de porco, café/medida, caldo de carne, cará²¹, carne, carne moída, cebola, chouriço²², doces, farinha, feijão, frango, gordura, guaraná, laranjas, leite, lentilha, linguiça, lombo de porco, macarrão, mandioca, milho, óleos, ossos, ovos, pães doces, pão, pastéis, peixe, pimentão, polenta, queijo, repolho, rins, saladas, salsicha, sanduíches, sardinha, tomate e torresmo²³.

Destes, os cinco mais consumidos, de forma discrepante em relação aos demais, foram o arroz, feijão, pão, carne e ossos, como evidencia a Figura 06, a nuvem de palavras.

¹⁹ Também denominada mandioquinha ou batata-baroa.

²⁰ Vísceras de animais.

²¹ Tubérculo de aparência muito próxima a do inhame.

²² Espécie de linguiça temperada feita de carne, gordura e sangue, geralmente de porco.

²³ Pedaçõs de barriga e gordura de porco temperados e fritos.

sendo uma questão de escolha política, ainda que essa visão se restringisse as figuras governamentais, assim expressa em trechos como:

(...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstcheck e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar pra mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. (Jesus, 2020, p. 29).

Ou em momentos como em maio de 1958 quando expressa sua revolta falando:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. ... Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos politicos. (Jesus, 2020, p. 33).

Esse viés é percebido no trabalho de Castro (2022) quando o autor, ao escrever o capítulo de fechamento do livro, destaca “[...], essa situação de desajustamento econômico e social foi consequência da inaptidão do Estado político para servir de poder equilibrante entre os interesses privados e o interesse coletivo” (Castro, 2022, p. 287). Além de ponderar que se houvesse interesse político para a resolução deste problema, a fome seria facilmente solucionada por meio de uma reforma agrária, parando de se investir apenas nas áreas já desenvolvidas, como o agronegócio, que impedem o progresso das áreas desassistidas economicamente.

Assim sendo, mesmo na obra literária de Carolina Maria de Jesus, torna-se possível identificar que a fome no Brasil e no mundo é uma questão de distribuição de alimentos, portanto, uma questão governamental. A autora sabia disso pela própria experiência da escassez pelo qual esteve inserida na maior parte de sua vida, relatando, de maneira muito detalhada, em suas obras literárias. É nesse sentido que a literatura de Carolina Maria de Jesus exprime a ciência, pois, a partir de seu diário aberto, aponta as questões que foram discutidas por Josué de Castro em toda a sua carreira como médico nutrólogo, geógrafo, político e cidadão do mundo.

Ademais, sabe-se que ambas as obras foram publicadas quase que contemporaneamente, sendo “Quarto de Despejo” (2020) publicado inicialmente no ano de 1960 e, “Geografia da Fome” (2022), em 1946, mas que em sua publicação posterior, do final da década de 1950, é aprofundada a discussão acerca da Região do Extremo-Sul por Josué, fato que aproxima a realidade expressa nos dois livros, visto que o cenário nacional de Carolina e de Josué era o mesmo. Proximidade esta que é comprovada no discurso proferido por Josué em Novembro de 1960 (Castro, 2007) no qual ele homenageia Carolina e enaltece o saber da autora acerca das problemáticas sociais das quais o Brasil está envolto.

No entanto, mesmo com esta proximidade, é notado que os dois livros são escritos atemporais para a temática da fome, ainda muito necessários ao se pensar o Brasil. Afirmação esta que pode ser comprovada ao analisar o “Atlas das Situações Alimentares do Brasil: A disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo” (Ribeiro Junior; et. al., 2021) publicado recentemente. Neste material pode ser observado as situações de fome e de risco de fome delimitadas pela impossibilidade de acesso aos alimentos, trazendo que os estados de São Paulo e da Bahia se destacam por possuírem a maior quantidade de domicílios em situação de fome, bem como as Regiões Norte e Nordeste conterem as taxas mais altas de domicílios em risco de fome.

Dados que demonstram uma realidade semelhante à presente nos livros de Carolina Maria de Jesus (2020) e de Josué de Castro (2022) comprovando que o Brasil mantém a sua “estrutura da fome” que está diretamente atrelada a desigualdade social histórica existente no país. Para além disso, entende-se que este problema estrutural também está unido a fatores de raça e gênero, já que “[...] a fome e o risco de fome também estão mais presentes nos domicílios cujas pessoas de referência são mulheres ou pessoas pretas e pardas.” (Ribeiro Junior; et. al., 2021, p. 98), outro aspecto que atravessa Carolina Maria de Jesus.

5. CONSIDERAÇÕES

Por fim, para a presente pesquisa, resta apenas apresentar as ponderações alcançadas. Para isso o tópico de considerações foi dividido em dois subtópicos sendo eles, respectivamente, as “Considerações Construídas”, no qual estão dispostas as conclusões obtidas ao longo deste trabalho, e as “Motivações Futuras”, em que são colocadas as ideias dentro desta mesma perspectiva obtidas ao longo da construção da investigação, dando margem a trabalhos posteriores.

5.1. CONSIDERAÇÕES CONSTRUÍDAS

Após todas as temáticas aqui abordadas, pode-se constatar que a relação existente entre Geografia e Literatura é inegável, não apenas pelo uso da Literatura pela Geografia desde os seus primórdios, como é visto nos escritos de Humboldt que é um dos geógrafos mais antigos após a sistematização da área de estudos. Mas, especialmente, pela Literatura se configurar como um reflexo da realidade, capaz de promover um conhecimento “[...] (d)os sentimentos e (d)a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles.” (Candido, 1995, p. 249).

Fazendo uso desta potencialidade que a Literatura carrega consigo de promoção de um olhar analítico e exposição de aspectos sociais, unindo-a a Geografia, de forma mais específica a Geografia Crítica, que tem como centralidade o espaço social e os problemas ali existentes. Pode-se desenvolver uma vasta gama de novas pesquisas agregando ao fortalecimento das abordagens da Geografia Literária que são tão recentes no Brasil, iniciadas por Carlos Augusto Figueiredo Monteiro nos anos de 1980 (Monteiro, 2002), como é o caso desta pesquisa.

Ao perpassar por parte da trajetória das mudanças desencadeadas na ciência geográfica, desde o uso da Geografia pré-científica, das primeiras civilizações humanas até o século XVIII (Moraes, 1981), passando pelo primeiro esboço científico na Geografia Tradicional e seu forte vínculo com o espaço, seguida pela Geografia Quantitativa e a subordinação ao Estado e aos modelos matemáticos, chegando enfim a Geografia Crítica de caráter mais radical, com viés político e focada na sociedade. É visível que não se trata de uma ciência estática, mas sim que acompanha as demandas da sociedade ligadas ao espaço geográfico.

E, compreendendo que toda a humanidade tem necessidade irremediável de fabulação, seja em sonhos, em pensamentos, por meio de músicas, de notícias, em produções cinematográficas, em conversas, ou pela Literatura, sabendo ainda que esta “[...] confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 1995, p.243). Entende-se que a Literatura é uma forte ferramenta de humanização que garante a dignidade do ser, já que por meio dela as perspectivas emocionais e críticas se expandem, um direito necessário ainda a ser alcançado pela sociedade.

Encontrou-se assim, com uma base na Geografia Crítica e o conceito de Direito à Literatura, ambos diretamente ligados às questões sociais, um sólido paralelo para reconciliar Geografia e Literatura, ainda que dentro da Geografia Literária e de sua abordagem de reprodução das relações sociais. Trabalhando em cima dessa relação, neste caso em específico, com os livros “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada” (2020), um livro literário em formato diário, e “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço” (2022), um livro acadêmico.

Com esta relação restabelecida e o emprego da ATD para legitimar que os estudos literários em Geografia podem ser realizados de forma científica, superando a ideia antiga do uso da Literatura apenas como um suporte dos trabalhos da área e também a visão positivista que permeia a ciência. Chegou-se a um metatexto que traz como resultado alguns pontos intrínsecos que ligam a realidade vivida por Carolina ao Brasil exposto nos escritos de Josué.

Os três resultados centrais alcançados na última etapa da ATD foram: o primeiro referente a realidade alimentar cotidiana da família de Carolina refletida com exatidão em “Geografia da Fome” (2022), tanto pelo consumo de carne, pão, arroz e batata, que são os principais produtos pontuados por Josué para a Região do Extremo-Sul que compõem parte considerável da alimentação de Carolina e seus filhos, quanto da configuração alimentar de subnutrição presente nas áreas periféricas constatadas nos livros.

O segundo ponto de convergência entre as obras seriam a denúncia a situação de fome, em que a vítima do fenômeno e o pesquisador conseguem obter um raciocínio semelhante chegando à mesma conclusão, a fome nada mais é do que um fenômeno resultante das escolhas políticas realizadas pelos governos que governam em prol dos interesses de uma minoria economicamente dominante.

Por fim, o terceiro resultado seria a manutenção desta “estrutura da fome”, que é constatada ao analisar os aspectos gerais de “Quarto de Despejo” (2020) e “Geografia da Fome” (2022), que são obras contemporâneas devido aos seus respectivos anos de publicação, correlacionando-as com o “Atlas das Situações Alimentares no Brasil” publicado em 2021 que expõem a permanência do mesmo quadro alimentar tido 75 anos antes, como visto no ano 1946 com o livro de Josué (2022).

Resultados estes que comprovam, decisivamente, o potencial científico que a Literatura pode promover nas pesquisas de Geografia, abrindo novas perspectivas para estudos futuros levando em consideração o grande aporte literário existente nacional e internacionalmente que tratam de assuntos geográficos. Considerando ainda que, se a Geografia é mutável e evolui conforme as demandas sociais e se o Direito à Literatura, composto por um bem compressível muito contestado ao se falar das necessidades humanas, não seria, então, desejável na Geografia estudos que visem corroborar pela luta ao acesso à Literatura, tão negligenciada em um país onde os livros são artigos inacessíveis?

5.2. MOTIVAÇÕES FUTURAS

Por último, ao pensar dentro dessa visão de novas pesquisas a serem desenvolvidas pela Geografia Literária, considerando o potencial exploratório existente ao se trabalhar com “Quarto de Despejo” (2020), ou com o Direito à Literatura (Candido, 1995), tem-se algumas temáticas de pesquisa que podem ter continuidade oriundas deste trabalho de graduação. São exemplos destas motivações futuras estudos como: 1- O potencial humanizador da literatura para Carolina Maria de Jesus; 2- A privação alimentar e seu reflexo na realidade de mulheres negras, com recorte para os escritos de Carolina; e 3- O uso da Literatura Social para tratar de assuntos políticos e humanitários em Geografia.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion Dutra; NETO, Danilo Piccoli. **O Legado Teórico-Metodológico de Karl Ritter: Contribuições para a sistematização da Geografia**. Geo UERJ, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1428/1206>. Acesso em: 22 Mai. 2023.

BARRETO, Lima. **Histórias e Sonhos: Contos**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira LTDA, 1951.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Negra ou Pobre? Migrante ou Despejada? Carolina de Jesus e o Enigma das Classificações (1937-1977)**. Revista Afro-Ásia, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/24977>. Acesso em: 12 Set. 2023.

BECKER, Elsbeth Léia Spode. **História do Pensamento Geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2022.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momento decisivos**. Belo Horizonte: Livraria Duas Cidades, 1981.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

CASTRO, Josué de. Quarto de Despejo. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (org.). **Perfis Parlamentares: Josué de Castro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2642/perfis_josue_castro.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 05 Dez. 2023.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou aço**. São Paulo: Todavia, 2022.

CASTELLO, José Aderaldo. **Manifestações Literárias da Era Colonial**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos Históricos da Geografia: Contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. In: GODOY, Paulo R. de Teixeira (org.). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo. Editora UNESP, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf#page=12>. Acesso em: 08 abr. 2023.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma Geografia Literária**. Gragoatá. Niterói, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006>. Acesso em: 14 Ago. 2023.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Introdução Geral**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2004a.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era Romântica**. São Paulo: Editora e Distribuidora Ltda, 2004b.

GROSSMANN, Judith; MARLAND, Letícia; CARVALHAL, Tania Franco; CASTELLO, José Aderaldo; HATOUM, Milton. **O Espaço Geográfico no Romance Brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2020.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. **Geograficidade e Espacialidade na Literatura**. Revista Geografia. Rio Claro, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>. Acesso em: 11 Mai. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela et. al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Mapa e a Trama: Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo Sousa; SAMPAIO, Mateus de Almeida Prado; BANDONI, Daniel Henrique; CARLI, Luiza Lima Silva de. **Atlas das Situações Alimentares no Brasil**: A disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo. Bragança Paulista: Universidade São Francisco - UFS, 2021. Disponível em: <https://ifz.org.br/atlas-das-situacoes-alimentares-no-brasil/>. Acesso em: 13 Nov. 2023.

SECKLER, Katia Luisa. **As Diferenças dos Métodos de Abordagens nas Histórias Literárias do Brasil e do Rio Grande do Sul**. Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/4844>. Acesso em: 26 Jun. 2023.

SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Notas Sobre a Epistemologia da Geografia**. Cadernos Geográficos. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://cadernosgeograficos.paginas.ufsc.br/files/2016/02/Cadernos-Geogr%C3%A1ficos-UFSC-N%C2%BA-12-Notas-sobre-a-Epistemologia-da-Geografia.-Maio-de-2005.pdf>. Acesso em: 15 Mai. 2023.

SUZUKI, Júlio César. **Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos**. Revista Centro de Pesquisa e Formação. Bela Vista, 2017. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>. Acesso em: 14 Ago. 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.